

Encartes do

QI

1

Reflexões sobre Imagem e Cultura 3 8

Debates sobre a Literatura Juvenil

Pesquisa de Quiof Thrul

Reflexões sobre Imagem e Cultura 3 9

Western Feijoada: Cinema, Quadrinhos e Outros Meios

Quiof Thrul

Papos Taís 1 5

Conversa com Alexandre Yudenitsch

ENCARTES DO QI Nº 1
JANEIRO/FEVEREIRO DE 2027
Encarte do QI Nº 201

Editor: Edgard Guimarães – edgard.faria.guimaraes@gmail.com
Rua Capitão Gomes, 168 – Brazópolis – MG – 37530-000
Edição Digital

Reflexões sobre Imagem e Cultura

3 8

DEBATES SOBRE A LITERATURA JUVENIL

*Texto enviado por Quiof Thrul, publicado no jornal “O Globo” em 22/7/1948.
Infelizmente há algumas partes do texto ilegíveis.*

Origens e razões de certos ataques às revistas especializadas – Confusão entre literatura juvenil e literatura infantil – Ataques generalizados às histórias em quadrinhos – Revistas e revistas – A pretensa influência desnacionalizante – O inquérito do INEP – Histórias sem intenção pedagógica – Delinquência Juvenil – Ataques de elementos católicos – Iniciativas culturais – Convite à A.B.E. – Por que o “Diário de Notícias” ataca as revistas juvenis

ORIGENS DA TORPE CAMPANHA DO “DIÁRIO DE NOTÍCIAS”

O **Diário de Notícias**, em agosto de 1939, estabeleceu um acordo com as nossas revistas juvenis, cuja leitura ele passou a recomendar diariamente. Mas, quando o DIP proibiu concursos em jornais com prêmios em dinheiro, o Sr. Orlando Dantas, sentindo-se prejudicado, e atribuindo a medida ao diretor de **O Globo**, então membro do Conselho de Imprensa daquele departamento, não só suspendeu a referida recomendação diária, como encetou uma campanha veemente em que visava às nossas revistas juvenis, no intuito sempre malogrado de prejudicá-las. Isso se deu em novembro de 1941, exatamente quando se verificou a providência do DIP. Agora, o **Diário de Notícias**, que também publica histórias estrangeiras em quadrinhos, por sinal que duas são as mesmíssimas estampadas nas nossas revistas, tem o despudor de mentir aos seus leitores, emprestando a uma campanha documentadamente torpe de vindita por interesses feridos o caráter de defesa de razões superiores...

Abrimos, a seguir, espaço à carta que o diretor-redator chefe de **O Globo** dirigiu ao presidente da Associação Brasileira de Educação. Entregamos ao sereno e inapelável julgamento da opinião pública esse documento, bem como outras informações relevantes sobre o caso, no intuito de esclarecer os móveis e objetivos relacionados com a campanha que se vem fazendo contra as revistas juvenis.



Este quadro, extraído da história do Príncipe Valente publicado pelo **O Globo Juvenil**, é um exemplo eloquente do cunho artístico dos desenhos oferecidos à nossa juventude, que se educa, divertindo-se com as suas revistas preferidas.

Exmo. Sr. Dr. Raul Bittencourt, D.D. Presidente da Associação Brasileira de Educação.

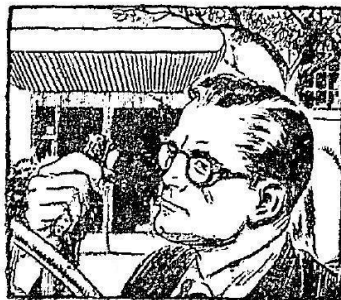
Convidado por essa ilustre associação a tomar parte no debate que promove em torno das revistas dedicadas à juventude, animo-me a vir à presença de V. Ex. para expor o seguinte:

Li num matutino a notícia de uma reunião que se teria realizado na A.B.E. e na qual, segundo os títulos e o noticiário destacado, houvera condenação formal dessa ilustre associação de educadores às revistas destinadas à nossa infância.

De posse do recorte desse jornal, procurei verificar o que de verdade se passara na A.B.E. Todos quantos ouvi pessoalmente foram unânimes em afirmar que nada resolvera ou condenara a A.B.E. Que em sua sede se reuniram algumas pessoas que trocaram ideias sobre o problema da “literatura infantil”, manifestando seus pontos de vista, contrários a determinadas revistas e enaltecendo de outras.

Esse noticiário, que já foi transmitido na íntegra para vários Estados, inclusive para São Paulo, onde é enorme a circulação das nossas revistas, é bem uma demonstração de como se vai procurando formar opinião contrária às revistas em questão, com evidente intuito de prejudicá-las.

Dirigindo-me à A.B.E. para prestar alguns esclarecimentos, quero deixar bem claro que não me anima a defesa dos interesses materiais das nossas revistas. A campanha que vem sido movida, sendo injusta, tem dado efeito justamente contrário aos propósitos que a inspiram. Inquieta-me, porém, o dano moral porventura resultante de atribuir aos dirigentes das publicações aludidas propósitos impatrióticos ou deletérios. Nesse sentido, seguindo norma estabelecida, de não procurar fugir aos debates que se travam, peço a V. Ex. que submeta aos ilustres membros do Conselho Diretor da A.B.E. esta minha carta.



Alex Raymond, um dos mais famosos desenhistas norte-americanos, criou as aventuras detetivescas de Nick Holmes, que aliam à beleza gráfica o fundo altamente moral.

ORIGENS DO ATAQUE ÀS REVISTAS

Antes de qualquer outra consideração, desejo declarar que a minha experiência no assunto me permite classificar os opositores às nossas publicações nas seguintes categorias:

- a) pessoas bem intencionadas, mas que desconhecem a matéria;
- b) pessoas que, embora conhecendo a matéria, não a examinam com um critério objetivo;
- c) pessoas que atuam em publicações concorrentes, mas sem o apoio popular das nossas;
- d) pessoas que atacam as revistas em virtude de defenderem ideologias políticas combatidas pelo **O Globo**;
- e) pessoas que agem em virtude de ressentimentos pessoais ou de paixões.

É evidente que só as pessoas compreendidas nos dois primeiros itens merecem consideração e só a elas é que me dirijo, neste momento.



Tarzan representa, através dos seus quadrinhos magistralmente desenhados, a versão modernizada da luta milenar do homem contra a hostilidade do ambiente, e a vitória da coragem e da energia contra a adversidade. Tarzan é livre demais para caber atrás de qualquer "cortina de ferro".

CONFUSÃO ENTRE LITERATURA JUVENIL E LITERATURA INFANTIL

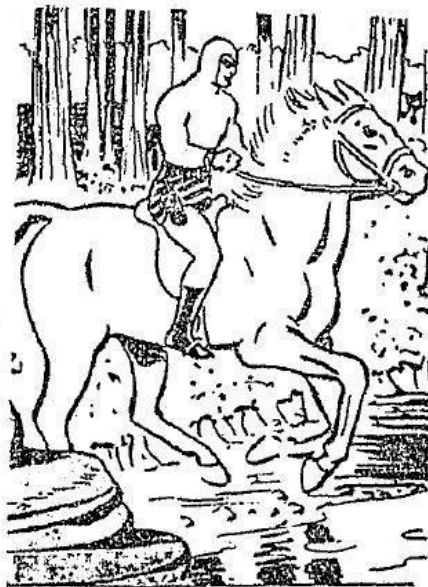
Em primeiro lugar, é preciso esclarecer a confusão que, em geral, se faz entre literatura juvenil e literatura infantil. Não se pode discutir as revistas por nós editadas fazendo referência à literatura infantil. Trata-se de revistas destinadas à juventude e os padrões cabíveis no caso de revistas infantis não podem ser aplicados às primeiras.

As nossas revistas pretendem dirigir-se aos jovens enquadrados no período que vai da puberdade ao limiar da idade adulta. O nível mental e o grau de conhecimentos destes são, como é evidente, muito diversos dos que se encontram nas crianças de idades que vão desde o início da aprendizagem escolar até a puberdade. Uma das bases essenciais da orientação que seguimos é justamente esta distinção. Por isso, reputo fundamental evitar-se neste particular qualquer confusão de conceitos, de premissas ou de conclusões.

ATAQUES GENERALIZADOS ÀS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Os opositores às revistas generalizam os seus ataques às “histórias em quadrinhos”, que são, pode-se dizer, a aplicação dos processos das imagens cinematográficas às histórias para os jovens. Condenar esse processo, que alia ao texto desenhos bem feitos, parece-me uma leviandade e uma utopia. Todos os grandes jornais e revistas do mundo publicam “histórias em quadrinhos” e seria pueril pretender impedir uma evolução consagrada.

É indiscutível o poder de atração que nossas revistas exercem sobre os jovens brasileiros e a sua considerável difusão por todo o território nacional. Grande parte desse êxito deve-se atribuir à técnica das “histórias em quadrinhos”, que narra pela imagem, linguagem acessível e inteligível, que acha com mais rapidez o caminho da inteligência e da sensibilidade. Essa evidente força da narração pela imagem ainda é maior no caso das nossas revistas, porque nelas colaboram artistas magistrais como Al Capp, Alex Raymond, Harold Foster, Raeburn Van Ruben, Alfred Andriola, George Wunder e Hogarth, que fazem trabalhos de elevado cunho artístico, nos quais são resolvidos de maneira admirável todos os problemas pletóricos de perspectiva e volume e mostra-se uma fidelidade absoluta aos detalhes históricos e geográficos, de vestuário, utensílios, veículos etc., elevando assim insensivelmente o senso artístico dos jovens leitores. Ao lado disso, o texto não só das histórias, como da variada e farta matéria



Um opositor, querendo condenar as “histórias em quadrinhos”, referiu-se às histórias de fantasmas... Mas o Fantasma apresentado pelo **O Globo Juvenil** é de carne e osso e está sempre a serviço das mais nobres causas.

recreativa e instrutiva que enche as revistas, estimula e fomenta nas crianças o gosto pela leitura, claramente o melhor hábito que poderia formar nesta idade. Não se poderá afirmar que as “histórias em quadrinhos” seja todas boas ou todas más. O que se deve fazer é selecionar as melhores, como temos procurado fazer com a experiência de doze anos de inquéritos realizados periodicamente entre os leitores sobre as histórias que lhes merecem a preferência ou o desinteresse. Nesse espaço de tempo, temos eliminado várias histórias que nos pareceram menos úteis para a juventude, conservando ou lançando outras melhores, para substituir aquelas.

REVISTAS E REVISTAS

Outro erro que se está generalizando é o de não examinar as publicações destinadas à juventude isoladamente, mas em conjunto. Ora, assim como há jornais maus e jornais bons, boas e más estações de rádio, bons e maus filmes, existem boas e más revistas juvenis.

Entretanto, os opositores das histórias em quadrinhos, ao invés de procurarem obter essa visão particular, que seria a única atitude lógica, chegam ao extremo oposto de condenar as revistas por generalização, apresentando como prova do que afirmam um único quadrinho, cuidadosamente escolhido entre milhares e que escapou à censura que nelas se exerce. Mostram a cena isolada, sem dizer que ela é apenas um elo entre milhares da cadeia da narração, cuja continuação e cujas intenções não procuram investigar. Por outro lado, se esquivam de apresentar as cenas de fundo moral ou educativo, cuja maioria, nas revistas, em comparação com as escolhidas, se eleva talvez a 99%!

Não creio que seja assim que se deva abordar assunto tão complexo e estou certo de que comigo concordarão todas as pessoas bem intencionadas. Não há de ser com esse critério apriorístico, que parte do princípio de que as revistas são condenáveis e nelas só procura a percentagem mínima de erros capazes de justificar a tese preconcebida – não há de ser assim, repito, que se resolverá o complexo problema da literatura juvenil.

Ainda agora a revista **Time** nos dá conta de um movimento saneador que se está processando nos Estados

Unidos contra a má literatura juvenil. Os próprios produtores de historietas resolveram concordar em estabelecer uma profilaxia, criando um código no qual se incluem os seguintes pontos: 1 – nada de temas baseados na luxúria; 2 – nada da glorificação do crime; 3 – nenhuma cena de tortura sádica; 4 – evitar linguagem vulgar e obscena; 5 – evitar a glorificação do divórcio; 6 – evitar o ridículo racial ou religioso. Ora, não acredito que possa existir alguém bem formado que não esteja de acordo com esses pontos. Nas nossas publicações, essa auto-censura há muito foi estabelecida, como demonstrarei adiante quando tratar do inquérito há muito feito pelo INEP.



Ao contrário das velhas bruxas dos contos de fadas que perturbavam os sonhos das crianças de antigamente, o mágico Mandrake realiza os seus divertidos truques hipnóticos em defesa das mais nobres causas, sem requintes de pesadelo nem violências contra a natureza.

A PRETENSA INFLUÊNCIA DESNACIONALIZANTE

(parte ilegível)

É bem verdade que a maioria delas é feita nos Estados Unidos. Mas isso não determina absolutamente uma predominância de aspectos americanos nas histórias, porque os personagens destas são heróis de sentido puramente universal, homens que podem existir e existem em todas as latitudes e sob todos os céus. Apesar disso, os textos das histórias são cuidadosamente revistos e adaptados à mentalidade e à compreensão dos nossos homens.

Alega-se ainda que não há histórias feitas por desenhistas nacionais. A este respeito, é preciso acentuar que a publicação de histórias feitas no Brasil é um dos nossos maiores sonhos desde que começamos a editar as revistas. Basta dizer que **O Globo Juvenil**, nossa primeira publicação no gênero, foi lançada com um grande número de histórias nacionais. Mas os nossos desenhistas ainda não se puderam especializar no gênero, devido a várias razões, inclusive as de ordem econômica, pois os artistas americanos, quando desenhavam as suas histórias, a fazem para os jornais e revistas do mundo inteiro, auferindo lucros altamente compensadores. Tenho esperança de que, no futuro, os nossos talentosos artistas produzam histórias em quadrinhos capazes de competir em qualidade com as dos mais famosos desenhistas, e de, assim, ser publicadas no mundo inteiro.

O INQUÉRITO DO INEP

A respeito do inquérito sobre as revistas infantis e juvenis editadas no Brasil, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, julgo indispensável esclarecer alguns pontos.

Embora não ponha absolutamente em dúvida o elevado critério dos técnicos que realizaram o inquérito, quer coligindo o material, quer classificando e interpretando os resultados, permito-me discordar, em parte, da orientação seguida e, em parte, das conclusões apresentadas.

Em primeiro lugar, o inquérito, embora divulgada pela **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, em 1945, foi efetuado muitos anos antes, referindo-se seus dados a publicações impressas há coisa de dez anos. Destas, algumas deixaram de circular. Outras, como é o caso de nossas revistas, sofreram neste espaço de tempo acentuada evolução de técnica e de orientação, motivada em parte pelo próprio inquérito. Um confronto das publicações daquele tempo com as atuais revistas provará indubitavelmente essa transformação.

Depois, a investigação consta de uma parte objetiva, ainda assim sujeita à crítica, o inquérito, realizado mediante a distribuição de questionário aos alunos e aos professores; e de uma parte subjetiva, que é a opinião de quem realizou e interpretou o inquérito, sem abdicar, como é natural e humano, dos seus pontos de vista sobre o assunto.

(parte ilegível)

Ainda assim, os dados do inquérito não são tão desfavoráveis às revistas, como o poderiam fazer supor as conclusões.



Exemplo típico da má fé dos opositores das “histórias em quadrinhos”. Este quadro, que representa um detetive, de revólver em punho, procurando conter um malfeitor, e ardidamente separado do resto da história, de grande fundo moral, para ser apontado como um péssimo exemplo dado à juventude.

A correção da linguagem, salvo em alguns casos de plebeísmo, é em geral reconhecida. Interrogadas, “sobre se achavam aconselhável a leitura de jornais e revistas infantis e juvenis”, 61% das mães “responderam pela afirmativa”, acrescentando outras 13% das mães que julgavam algumas revistas aconselháveis e outras desaconselháveis. De fato, é essa nossa opinião (...). Das professoras primárias, 18% consideraram aconselhável a leitura. Das mães, 34% declararam que a leitura dos jornais e revistas infantis poderia contribuir para melhorar a maneira de entender e pensar (...).

(parte ilegível)

Na questão da influência recebida pelas revistas, 26% das mães e 13% dos professores julgaram “boa” a influência. 18% das mães e 26% dos professores julgaram-na “má”. A percentagem de respostas condicionadas ou imprecisas foi, respectivamente, de 66% e 55%. Dos alunos, 66% declararam ter aprendido coisas úteis na leitura das publicações, dando em muitos casos exemplos relevantes.

Como se vê, nem todos os dados foram desfavoráveis às revistas e note-se que esses exemplos são colhidos ao acaso, sem um exame aprofundado do inquérito.

Entretanto, em vários pontos foram justas as críticas feitas, principalmente na parte relativa ao estudo minucioso realizado com critério estatístico pelos funcionários do INEP do material divulgado pelas revistas.

Não obstante, aceitamos essas críticas e resolvemos corrigi-las, contratando um redator com experiência educacional, que ficou incumbido de adaptar as revistas aos padrões estabelecidos no inquérito, adotando-lhe as sugestões e realizando, além disso, uma meticulosa revisão do texto e até dos desenhos que vem sendo feita desde então, com apreciáveis resultados. Essa revisão tem assegurado às nossas revistas textos gramaticalmente corretos, circunstância, aliás, já notada no inquérito do INEP, vocabulário adaptado à mentalidade juvenil e ao provável grau de conhecimento dos leitores, sendo em alguns casos o texto acompanhado de um glossário elucidativo e, além disso, a eliminação de “quadrinhos” considerados em desacordo com as tendências e realidades brasileiras, bem como com a orientação educativa adotada.



“Fac-símile” de um dos artigos do professor Paschoal Leme na *Tribuna Popular* em resposta aos artigos d’*O Globo* atacando o comunismo. Agora, privado das colunas do órgão oficial de Moscou, o Sr. Paschoal Leme vale-se da tribuna que encontrou na Associação Brasileira de Educação para servir à causa stalinista...

Como se vê, poder-se-á discordar do critério seguido, mas não negar a constante preocupação em que vivemos, com uma aguda compreensão da nossa tremenda responsabilidade, de acatar a opinião dos educadores e todas as críticas e sugestões bem intencionadas que lhe são feitas, para o objetivo comum de servir e elevar a juventude do Brasil.

HISTÓRIAS SEM INTENÇÃO PEDAGÓGICA

Em muitos casos, o que se considera um erro no caso das revistas juvenis resulta apenas de uma diferença de opinião. Por exemplo, julgamos que as revistas não têm nem devem ter caráter pedagógico. Segundo alguns, a literatura juvenil nada mais devia ser do que um complemento da escola, tornando-se exclusivamente uma atividade extra-curricular, que prolongasse até nas horas de recreação e descanso a tarefa de instruir da escola. É fácil perceber o absurdo desse conceito, principalmente na atual realidade brasileira de programas escolares sobrecarregados, que, muitas vezes, na opinião dos educadores, exigem um esforço mental que ultrapassa enormemente a capacidade dos jovens estudantes. Convém pensar ainda nos efeitos desastrosos, do ponto de vista da higiene mental, que teria essa onipresença da instrução em todos os momentos da vida do escolar. Evidentemente, o aspecto que deve prevalecer nessas revistas é o educativo, de preferência ao instrutivo.

A revista juvenil nunca poderá competir com a escola, nem usurpar-lhe o papel especializado de centro de aprendizagem das complicadas técnicas e princípios da civilização moderna, sendo-lhe reservada a missão própria de auxiliar do lar, da própria escola e de outras células sociais na formação da personalidade e na transmissão dos princípios morais do grupo social.

O aspecto instrutivo terá de aparecer nessas revistas, mas, indiretamente, como, por exemplo, na correção de linguagem, e nunca de forma essencial, como parte integrante do texto.

Destinando-se aos adolescentes, essas revistas desempenham um grande papel, preparando os jovens para a luta pela vida, graças ao conhecimento vivo das dificuldades que irão encontrar na idade adulta, formando-lhes ao mesmo tempo a capacidade de resistência e o espírito de luta por meio de um apelo constante aos ideais construtivos da solidariedade humana. Não é possível educar os jovens numa bruta ignorância das realidades da vida, dentro de um ambiente artificial e asséptico, que os deixará decerto singularmente desarmados quando chegar o momento de enfrentar o mundo com todos os seus obstáculos. É em nome da falsa segurança desses compartimentos estanques, que muita gente condena as histórias em quadrinhos.



As aventuras do Pafúncio e da Marocas, que **Gibi** publica sob o título de "Vida Apertada", completaram no corrente ano o seu 35º aniversário. Em 1933, no seu 20º aniversário, mereceu esta historieta uma menção altamente elogiosa por parte do Senado dos Estados Unidos. Figurando nos anais deste templo da democracia as mais gratas referências à data.

Ainda a seu respeito, dizia na mesma época Franklin D. Roosevelt, então Governador do Estado de Nova York: "Estou certo de que Pafúncio e Marocas continuarão a deliciar velhos e jovens por um século ainda. George McManus tornou o mundo um lugar mais agradável para se viver"... "Continue ele assim, pelo menos enquanto eu viver".

Anti-pedagógicas eram as histórias de fadas e feiticeiras de antigamente, que alheavam da realidade e das causas naturais, com o seu recurso frequente a princesas encantadas, gigantes, fadas, feiticeiras e dragões que vomitavam fogo e devoravam pessoas e coisas, apavorando ao invés de distrair e educar. É claro que não me refiro à dose de fantasia indispensável à alma infantil, para a qual a realidade é sempre estreita e mesquinha, mas ao aspecto francamente aterrador de muitas dessas histórias, que, entretanto, para certas pessoas de responsabilidade deviam ser o padrão do gênero.

ATAQUES ÀS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NOS ESTADOS UNIDOS

No regime democrático cabem todas as opiniões. Em todos os países onde há liberdade de palavra e de pensamento, há opiniões divergentes e é justamente dessa variedade de pontos de vista que decorre a força insuperável da democracia. Essa característica política fundamental que, para felicidade do mundo ainda viceja em vários países, é exercida em toda a sua amplitude nos Estados Unidos, que se tornaram escola de liberdade e democracia. Portanto, não é de estranhar que haja ali opositores às histórias em quadrinhos, ou a certas histórias em quadrinhos, como os há até ao Plano Marshall e até ao ideal americano de fraternidade entre os povos de todas as raças. Pela mesma razão, as referidas historietas, se têm opositores, também têm, em maior escala, entusiásticos partidários. Isso nos é mostrado não só pela lógica, como pelo fato incontestável da livre circulação de inúmeras revistas juvenis com essas histórias, as quais atingem uma circulação fabulosa, sem que naquele povo tão zeloso da sua educação surgisse ainda uma providência que pretendesse suprimi-las.

Entretanto, mostremos especificamente, escolhendo um exemplo entre muitos, como também, nos Estados Unidos, há educadores que aplaudem as histórias em quadrinhos, ao lado dos que as condenam. No número 1 do volume XIII do **The American Scholar**, órgão oficial da Phi Beta Kappa, associação de alunos da Universidade de Harvard, o professor William Moulton Marston, psicólogo de nomeada, que ensinou Psicologia em Redcliffe, Columbia, Tufts, Califórnia do Sul e outras universidades e “colleges” americanos, publicou um artigo intitulado “Porque cem milhões de americanos leem histórias em quadrinhos”, do qual extraímos os seguintes trechos:

“Os enredos das histórias em quadrinhos da fase atual não procuram ser humorísticos nem se preocupam essencialmente com aventuras dramáticas. O seu motivo emocional é a realização dos desejos. Não há drama no sentido comum da palavra, porque o Super-Homem é invencível, invulnerável. Pode saltar por cima de arranha-céus, voar pelos ares e pegar aviões, jogar peteca com os couraçados ou fazer balas lhe ricochetearem da pele. O Super-Homem nunca enfrenta um perigo, porque é sempre, e por definição, superior a todas as ameaças.”



Quando o desenhista Harold Gray, autor da famosa historieta “A Órfã Aninha”, célebre pelo seu elevadíssimo nível educacional, foi levado pelas circunstâncias, no transcorrer de uma aventura, a eliminar o cão que acompanha constantemente a menina, recebeu, entre dezenas de milhares de cartas de protestos, uma assinada pelo falecido Henry Ford, pedindo-lhe que ressuscitasse o animal, usando do seu poder de criador de ficção, pois tinha o industrial um dos seus grandes derivados diários na leitura da historieta. E a vontade dos leitores foi feita.

“Super-Homem e seus inúmeros colegas satisfazem a universal necessidade humana de ser mais forte do que todos os obstáculos que surjam e o desejo igualmente universal de ver o bem vencer o mal, as injustiças reparadas, os oprimidos reagirem contra os opressores, e, dessa maneira, experimentar por procuração a suprema satisfação do “deus ex-machina” que executa esses milagres mensais de fazer o direito triunfar sobre a força que afinal não pode tudo. Aqui encontramos em pleno viço a tradição homérica – o Aquiles, com ou sem calcanhar vulnerável, o Heitor que defende a sua terra natal dos invasores estrangeiros, o ultrajado Agamemnon que persegue a sua justa vingança com desenfreada fúria e o astuto Ulisses, que habilmente prepara a derrota dos inimigos atraentes embora culpados, graças ao exercício de uma sabedoria sobre-humana. Homero teve bastante êxito com a sua técnica de trovador numa época em que as imagens tinham que ser pintadas da imaginação. Mas quem percebeu a herança homérica dos desenhistas e transformou as revistas de histórias em quadrinhos em um veículo pitoresco para as suas histórias em que não há drama, mas em que os desejos se realizam, teve êxito muito maior para si e para os que se lhe seguiram. Não há nenhuma dúvida, até ao momento em que este artigo é escrito, de que a fase de realização dos desejos da evolução das histórias em quadrinhos está atingindo alturas nunca vistas em matéria de interesse para o leitor, popularidade e – digo isso conscientemente – benefícios morais e educativos para a nova geração.”



Eis aqui um outro exemplo daquilo que os detratores das revistas juvenis consideram criminoso e nefasto à juventude – um rapaz corajoso e inteligente que luta no interior da Ásia contra as maquinacões de extremistas de direita e de esquerda, que buscam ali criar um clima para as suas ambições desmesuradas. Realmente, exemplos como estes poderiam ser funestos se divulgados na Tchecoslováquia, Ucrânia ou na Mogólia Exterior...

“Afinal de contas, 100 milhões de americanos não podem estar errados, pelo menos em relação àquilo de que gostam. Mas o argumento mais decisivo é psicológico. Que programas de vida desejamos estimular nos nossos filhos? Queremos que eles cultivem objetivos de maricas, atitudes desfibradas? O nosso filho pode não ter músculos capazes de fazer as 100 jardas rasas em nove segundos cravados ou jogar como titular de “full back” numa equipe “All-American” de futebol americano.”

“Mas, se assim não for, maior será a razão para que ele cultive em linhas construtivas a sua vontade de poder, dentro dos limites das suas capacidades naturais. O desejo de ser super-forte é sadio, vital, imperativo e dinâmico. Quanto mais as histórias em quadrinhos do tipo Super-Homem criarem esse impulso íntimo em virtude do estímulo do natural anseio da criança por lutar e vencer obstáculos, principalmente os do mal, maior será a probabilidade que tem o nosso filho de avançar no mundo por si mesmo.”

“O heroísmo é o pão de cada dia da criança. Sentir-se grande, inteligente, importante e digno de admiração dos seus companheiros são recompensas realistas que todas as crianças desejam. Compete aos educadores morais decidirem a respeito do tipo de procedimento que deve ser considerado heroico. Devemos ensinar aos nossos filhos que o heroísmo, o ato pelo qual eles alcançarão o desejado renome, consiste em matar inimigos e conquistar o que é dos vizinhos, à maneira de Napoleão, Genghis Khan, Hitler e outros dessa espécie? Ou devemos fazer a proteção dos fracos e o serviço da humanidade o grande incentivo da mentalidade das crianças? As histórias em quadrinhos do tipo do Super-Homem insistem decididamente em mostrar um heroísmo de fundo altruísta. O Super-Homem nunca mata.”

“Se a multidão de histórias em quadrinhos que agora inunda os espíritos americanos fixar nos reflexos mentais da geração que surge esse novo conceito do heróico, valerá muitas vezes o seu peso em papel e em tinta.”

Todas as histórias publicadas nas nossas revistas são do tipo louvado pelo psicólogo americano. Representam elas uma permanente defesa dos Dez Mandamentos e do respeito às leis e aos bons costumes.

Nunca um malfeitor deixou de ser punido ou um homem de bem, recompensado em qualquer das nossas histórias. Os nossos heróis são desinteressados e impecáveis. Não visam senão o restabelecimento da justiça.

DELINQUÊNCIA JUVENIL

A má fé de alguns opositores da literatura juvenil pretende atribuir-lhes responsabilidade na delinquência juvenil. O mais breve exame desapassionado mostra o absurdo desse conceito. Em primeiro lugar, a delinquência juvenil é um velho problema, evidentemente muito anterior ao aparecimento das nossas revistas. Portanto, há outras causas eficientes, que malevolamente se esquecem para só focalizar a precária ação, porventura existente, das revistas na composição do problema. Em primeiro lugar, é preciso notar que a quase totalidade dos delinquentes juvenis provém das camadas mais pobres e mais ignorantes da população, entre pobres pivetes que não sabem ler nem têm poder aquisitivo para comprar as nossas revistas. Por outro lado, as histórias publicadas mostram, invariavelmente, a vitória do bem sobre o mal, circunstância essa que qualquer jovem normal e sadio não deixará de notar, tão marcante ela é. Se, porventura, um jovem não teve a educação e os cuidados médicos que a sociedade tinha o dever de dar-lhe, se não se formou num ambiente familiar normal, terá de qualquer maneira despertado os seus complexos anti-sociais, quer pelo cinema, pelos jornais, pelas próprias revistas, quer pelo próprio ambiente em que vive.

Como, então, em favor de exceções, que devem ser tratadas de outra maneira, condenar revistas que proporcionam a milhares de jovens reações normais, ensinamentos e exemplos?

ATAQUES DE ELEMENTOS CATÓLICOS

Entre os ataques que se fazem às nossas revistas, costuma-se acentuar a oposição que lhes seria feita por algumas figuras do ilustre clero brasileiro. É verdade que se têm verificado algumas críticas de sacerdotes, até em artigos pela imprensa, mas isso representa, certamente, uma opinião pessoal e não uma atitude da Igreja Católica no Brasil que muitas vezes tem prestigiado iniciativas das nossas revistas.

Por outro lado, sem falar nos aspectos pedagógicos já abordados acima, não procedem esses ataques, pois, as nossas revistas pregam o respeito pela religião, seguem escrupulosamente os princípios da moral cristã e em nenhuma oportunidade cometeram o menor desrespeito contra a religião e a fé dos nossos pais. Ao contrário, nas nossas páginas encontram-se frequentemente notas e material de fundo e intenção francamente religiosa.

Nem se compreenderia que um jornal católico, como é **O Globo**, que nos seus vinte e dois anos de existência sempre se mostrou um baluarte das resistências da família cristã contra toda a sorte de investidas solapadoras da ordem social, fosse, de qualquer modo, chocar-se com a Igreja Católica, publicando um gênero de literatura condenável.

Aliás, nesse particular é bom lembrar que o **Correio da Noite**, órgão que é propriedade da Ação Católica, e cujo diretor, o ilustre professor Hildebrando Leal, foi escolhido, segundo estou informado, por essa prestigiosa organização religiosa, publica histórias em quadrinhos. Diariamente os leitores desse vespertino se deliciam com as aventuras de Jack, o detetive, e de Búfalo Bill, o legendário herói do oeste americano, além de outras.

Ora, como poderia a Igreja condenar aquilo que o órgão da Ação Católica publica diariamente?

INICIATIVAS CULTURAIS

Não nos limitamos a publicar as revistas. Desde que estas começaram a circular, temos tomado diversas iniciativas de cunho cultural, visando justamente elevar o nível intelectual dos nossos leitores e despertar-lhes o interesse pelos ideais mais elevados da humanidade.

Realizamos, por exemplo, três exposições de arte juvenil para os jovens de todo o Brasil. Para provar o êxito dessas exposições, que atraíram a atenção de artistas e intelectuais, basta dizer que o autor do trabalho premiado em 1º lugar numa dessas exposições é hoje um dos nossos desenhistas, justamente aquele que faz as seções “Animais do Brasil”, “Flores do Brasil” e “Aves do Brasil”.

Além disso, organizamos o “Teatro do Gibi”, único teatro sobre rodas existente no Brasil, que realiza todas as semanas, gratuitamente, um espetáculo nas praças públicas, e duas vezes por semana, se exhibe nos asilos e hospitais. O “Cinema d’O Globo Juvenil” diariamente faz uma exibição em praça pública. Essas duas iniciativas em benefício da criança são a bem dizer únicas no Distrito Federal e, talvez, no Brasil.

As nossas revistas já promoveram três concursos para escolha de embaixadores da juventude brasileira, dois deles já realizados, tendo os embaixadores, estudantes do curso secundário, visitado, da primeira vez, a Argentina, e da segunda vez a Argentina, o Chile e o Uruguai. No corrente ano, está em andamento um concurso para a ida dos embaixadores a Portugal.

Esses concursos, que visam o intercâmbio com a juventude de outros países, servindo, portanto, a elevados ideais de solidariedade e compreensão internacional, procuram, pelo sistema da eleição, despertar o interesse dos jovens pelo dever cívico do voto, base de toda a verdadeira democracia. Promovem também esses concursos um espírito sadio de competição, porque a escolha pelo voto é seguida por uma prova de seleção intelectual, a qual tem sido realizada pelo INEP, e o congaçamento da mocidade das diversas regiões do país, porquanto os estudantes escolhidos nos Estados vêm até ao Rio de Janeiro. É pensamento das revistas levar aos Estados os estudantes do Rio, incrementando esse intercâmbio, de resultados incalculáveis. É preciso notar que em muitos Estados os votos que elegeram os candidatos foram publicados pela imprensa local e não pelas nossas revistas. Além disso, mantemos em todas as revistas numerosas seções instrutivas, que na mais acessível linguagem procuram mostrar aos jovens leitores fatos e curiosidades históricas, geográficas, biográficas, literárias etc.

Tais são, por exemplo, as seções: “Postais do Mundo”, que descreve nos seus aspectos geográficos e históricos as principais cidades do mundo, falando das ruas, dos monumentos, das universidades, das bibliotecas e dos museus; “Tapete Mágico”, que apresenta de maneira pitoresca e acessível os diversos países, permitindo um conhecimento exato das suas características principais; “Viagens Através dos Livros”, que apresenta resumos das obras mais famosas da literatura brasileira e universal; “Conheçam o Brasil”, que proporciona notícias, acompanhadas de mapas, históricos, dados geográficos, políticos e administrativos dos municípios do Brasil; bem como muitas outras sobre selos, trabalhos manuais, aviação etc. Também nas revistas se fomenta o intercâmbio entre os jovens, como, por exemplo, na seção de correspondência entre leitores, que se estende a todo país e chega até o estrangeiro, permitindo aos jovens que mais se compreendam e estimem.

CONVITE À A.B.E.

Nestas condições, as nossas revistas são uma arma poderosa nas mãos dos educadores brasileiros. Há quem pretenda atribuir às revistas a falta de gosto pelos estudos. Nada mais falso. Ao contrário, a proibição da leitura das revistas enquanto as notas dos boletins forem baixas tem efeitos salutares, comprovados por muitos países. Nem se poderá dizer que publicações que de tal modo e tão poderosamente estimulam o gosto pela leitura, tenham caráter anti-pedagógico.

O indicado naturalmente é colocar essa força a serviço dos ideais dos educadores brasileiros. É o que temos procurado fazer sozinhos e arrostando com opositores sistemáticos, nem sempre de boa fé, quase nunca lógicos e raramente justos. É o que poderiam fazer os educadores brasileiros, reunidos sob a bandeira da A.B.E., agora que se oferece a oportunidade para essa colaboração há tanto desejada e nunca bem compreendida.

Os professores brasileiros poderiam aproveitar a grande circulação das nossas revistas para com os seus ensinamentos e exemplos encaminhar a realização dos seus ideais neste momento em que, por várias causas que não é oportuno referir aqui, há um evidente declínio do ensino e da educação no Brasil.

É para solicitar a cooperação dos professores brasileiros em novas iniciativas, como, por exemplo, um vasto e bem orientado plano de apoio à benemérita Campanha de Alfabetização, lançada pelo Ministério da Educação, que me dirijo à A.B.E.

Reflexões sobre Imagem e Cultura

3 9

WESTERN FEIJOADA: CINEMA, QUADRINHOS E OUTROS MEIOS

Quiof Thrul

Western Feijoada é um termo para definir o faroeste feito no Brasil. A origem parece ser o final dos anos 1960 e é uma clara referência aos westerns spaghetti, como são conhecidos os filmes italianos do gênero. Eu já tinha mencionado o termo no encarte ‘Faroeste Contemporâneo nos Quadrinhos’ (‘Reflexões sobre Cultura e Imagem’ n° 30, encarte do **QI** 196, nov/dez/2025). Algumas coisas aqui já tinham sido mencionadas em encartes que eu e o Carlos Gonçalves publicamos. Resolvi não repetir muita coisa, outras são inevitáveis.

Para os pesquisadores, os primeiros exemplos nos cinemas teriam sido ainda no cinema mudo. Alguns deles são: **Dioguinho** (1917), inspirado no bandido paulistano Dioguinho (1863-1897); **Retribuição** (1925), com roteiro e direção de Gentil Roiz e fotografia de Edson Chagas (sócios da Aurora-Film); **Um Bravo do Nordeste** (1931), dirigido por Edson Chagas. Muitos desses filmes estão perdidos. **O Cavaleiro da Serra** (1939), dirigido por Lourival Miranda Duarte, escrito por João Anísio, e rodado em Jundiaí, SP, é um dos raros que possui fotos.



Rodrigo Pereira, autor da tese de mestrado **Western Feijoada: o Faroeeste no Cinema Brasileiro** (UNESP, 2002), listou 103 filmes. Hoje tem mais.

Nos quadrinhos é mais complicado, mas achei um exemplo na revista **O Tico-Tico** nº 1667 (15 de setembro de 1937), uma daquelas histórias de uma página da capa por Oswaldo Storni. Ainda se usava a grafia 'far-west'. Na mesma **O Tico-Tico**, achei um outro exemplo entre 1953 e 1954, 'O Mocinho Gonçalves e Azaré, seu Cavalinho', que acredito ser nacional.

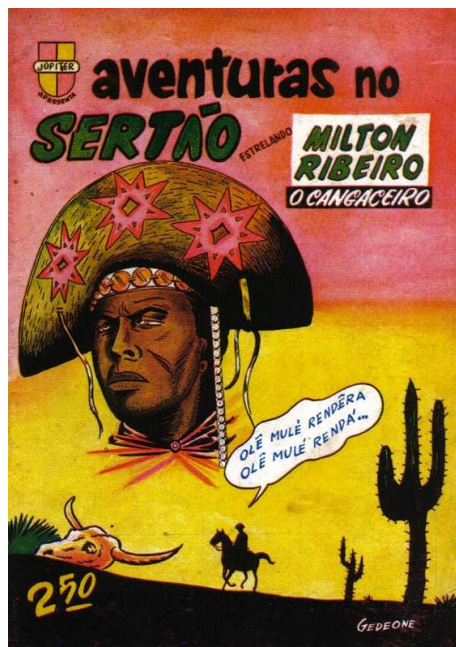


Em 1943, Péricles do Amaral criou um programa de rádio para a Rádio Farroupilha do Rio Grande do Sul: **O Vingador**, um cowboy mascarado tipo Zorro/Lone Ranger. Ele teve um jornalzinho que trazia quadrinhos desenhados por Fernando Dias da Silva. O jornal era gratuito e patrocinado pelos sabonetes Palmolive.



1953 é um ano emblemático para o faroeste brasileiro. É lançado o filme **O Cangaceiro**, dirigido por Lima Barreto, com diálogos por Rachel de Queiroz, estrelado por Milton Ribeiro como Galdino e Alberto Ruschel como Teodoro. O filme foi aclamado, lançado no exterior e gerou uma nova nomenclatura, ‘nordestern’, cuja criação é atribuída ao jornalista Salvyano Cavalcanti de Paiva em resenhas publicadas no **Correio da Manhã** nas décadas de 1960 e 1970, para definir esses filmes de cangaço com inspiração no faroeste. Uma outra não tão popular é ‘western macaxeira’. O filme inspirou não só filmes sobre o cangaço como faroestes. Alberto Ruschel e Milton Ribeiro atuaram em **Os Três Garimpeiros** (1955). Milton Ribeiro esteve nos filmes **Arara Vermelha** (Camura), **A Morte Comanda o Cangaço** (Capitão Silvério), **O Cabeleira, Lampião, o Rei do Cangaço**, **O Diabo Louro**, no qual interpretou Lampião, além do faroeste **O Diabo de Vila Velha** (1965), filme de José Mojica Marins, o Zé do Caixão. Alberto Ruschel atuou em **Paixão de Gaúcho** (1957) de Walter George Durst, adaptação de **O Gaúcho** de José de Alencar. Maurício Morey, figurante em **O Cangaceiro**, esteve em **Da Terra Nasce o Ódio** (1954), **A Lei do Sertão** (1956) e **Homens sem Paz** (1957).

De acordo com Roberto Guedes no livro **Gedeone: O Guerreiro dos Quadrinhos – Uma Biografia Autorizada** (Opera Graphica, 2018), Gedeone Malagola queria algo ousado: um gibi baseado no filme **O Cangaceiro**, mas ele não conseguiu. Como ele era vizinho de Milton Ribeiro, surgiu a ideia de fazer de Milton Ribeiro um personagem de gibis, o próprio Ribeiro sugeriu que sua persona fosse heroica, diferente de seus papéis em filmes. ‘Milton Ribeiro’ estreou ainda em 1953 na revista **Aventuras no Sertão**. Entre 1956 e 1958, o personagem aparece na revista **Vida Juvenil** da editora Vida Doméstica.



Pela Júpiter, também em 1953, Malagola lançou a mocinha Jane West, o mascarado Sierra Lane, Pecos Bill e Bill Ranger (não entendi se **Aventuras no Far-West** é uma revista solo; no Guia aparece como edições de **Júpiter** e de **Ciência Ilustrada**) e Kid Ringo de Luiz Sanches.

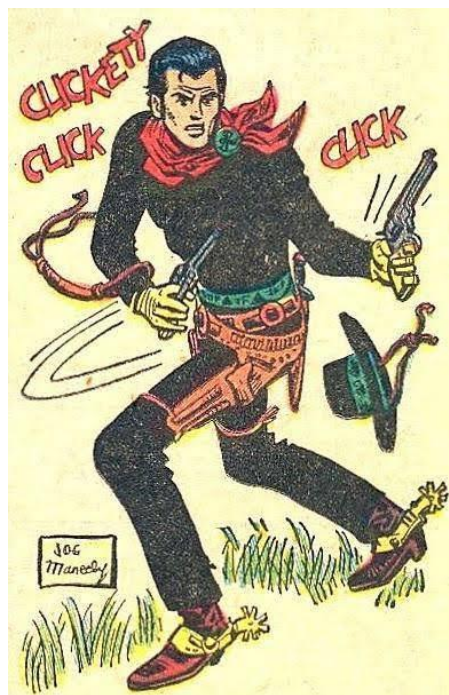
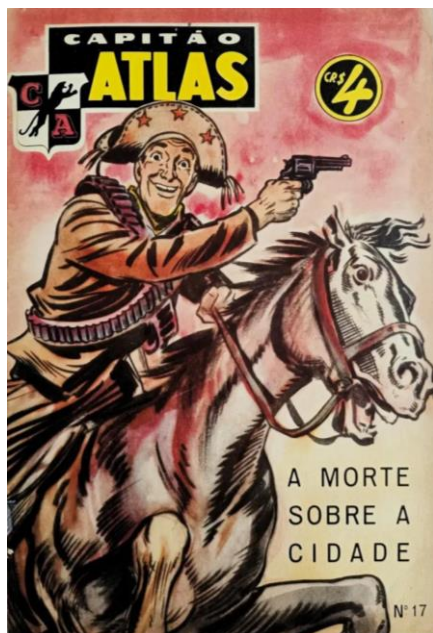
Novamente em 1953, José Lanzelotti lança outro cangaceiro heróico. Estreou em **Aliança Juvenil** da editora Aliança, depois ganhou um gibi próprio, com apenas duas edições (novembro e dezembro de 1966).

Nas histórias do Capitão Atlas, um tipo análogo ao Jim das Selvas, entre seus amigos está Tunicão, que se veste como cangaceiro, mas não achei se ele é definido como tal. Segue capa de **Capitão Atlas** nº 17 (setembro de 1952).

A radionovela **Jerônimo, o Herói do Sertão** de Moyses Weltman estreou em 1953. Em 1957, ganhou um gibi pela RGE, inicialmente ilustrado por Edmundo Rodrigues, adaptando episódios da radionovela, e depois por Walmir Amaral, Juarez Odilon e Flavio Colin. Edmundo parece ter se inspirado no Ringo Kid da Timely (lançado em 1954 tanto lá e aqui pela RGE).

Aí vai uma coisa curiosa. Onde fica o sertão de Jerônimo? No gibi, parece ser o Nordeste pela presença de cangaceiros, mas a localização de Serro Bravo é incerta.

Uma matéria publicada pela revista **Radiolândia**, publicada pela mesma RGE, diz: “Vive no sertão. Se do norte ou do sul não se explica”. Quando o personagem foi transportado para a TV em 1972 (na Tupi) e 1984 (no SBT), ambas estreladas por Francisco Di Franco, o local parece ser o interior paulista. Também em 1972 lançou-se o filme do Jerônimo, estrelado e dirigido por Adolpho Chadler, que também fez **O Tesouro de Zapata** (1969). Foi escolhido pela experiência no gênero, mas Moyses Weltman quis manter o tom juvenil, escrevendo o roteiro. Milton Rangel, Cauê Filho e Dulce Martins dublaram os mesmos personagens que interpretavam no rádio por décadas.



Em 1979, Edmundo Rodrigues e Moyses Weltman eram editores na Bloch e republicaram as 3 primeiras HQs da RGE em formatinho, mas o gibi fracassou (posso estar enganado, mas acho que a Bloch não investiu no faroeste depois disso). Em 1981, surgiu um filme inusitado, **A Volta de Jerônimo no Sertão dos Homens Sem Lei**, dirigido por Agenor Alves e estrelado por Antônio Fonzar. O filme parece ser pirata, não há menção ao Moyses Weltman, nem Aninha ou Moleque Saci. Aparecem cangaceiros. O filme tem cenas de estupro e violência, bem distantes do que Weltman aprovaria. Curiosamente, foi o último filme de Alberto Ruschel, que morreu em 1996. O filme parece ter sido exibido em poucos lugares, mas cópias circularam como VHS, DVD e vídeo no YouTube de graça. Em 2019, a jornalista Patrícia Kogut de **O Globo** noticiou que a empresa Wise Entertainment obteve a licença com herdeiros do Moyses Weltman para uma produção para TV internacional. Em 2024, a jornalista Heloisa Tolipan publicou em seu site que a novela de 1984 foi pirateada pela italiana Donna TV. Segundo ela, isso inviabiliza o projeto de Wladimir Weltman, filho do criador, de lançar o projeto internacional.

Em 1957 ou 1959, surge **Juvêncio, o Justiceiro do Sertão**, radionovela de Reinaldo Santos exibida no programa **Terra Sempre Terra** da Rádio Piratininga. Reinaldo tentou replicar o sucesso de Jerônimo na Rádio Nacional. Um gibi foi lançado pela Editora Prelúdio em 1968, onde há um texto dele. Diz que passou um tempo no Rio de Janeiro, com passagem pela Rádio Globo e Rio Gráfica Editora, ou seja, praticamente confessa a inspiração no Jerônimo. A revista saiu apenas como **Juvêncio – O Justiceiro**, primeiramente ilustrada por Sérgio Lima. Teve roteiros de Gedeone Malagola, R. F. Lucchetti, Helena Fonseca, Fred Jorge (famoso versionista de músicas estrangeiras do começo do rock pop brasileiro, como Banho de Lua, Estúpido Cupido), Marta Douglas, Luís Carlos, C. M. Lôbo e Francisco de Assis. Desenhos por Rodolfo Zalla, Eugenio Colonnese, Mário Cafiero, além do próprio Edmundo Rodrigues. Juvêncio também enfrenta cangaceiros. A Prelúdio era uma editora de cordéis. Ela trocou a xilogravura pelas capas pintadas em policromia. Publicava a **Revista Sertaneja e Melodias** (nessa, tem uma matéria sobre Jerônimo por Fred Jorge). Segundo Lucchetti no livro **Procurados – O Faroeste Segundo Homobono** (Ucha Editorial, 2023), a Prelúdio publicou o primeiro livro de bolso (bolsilivro) de faroeste brasileiro, **O Mistério da Mina Abandonada**, escrito por ele. Também publicou cordéis de faroeste como **As Bravuras de Rock Lane** de Minelvino Francisco Silva. Sua sucessora, a Editora Luzeiro, publicou os folhetos **O Pistoleiro Invencível** (1973), de Manoel d’Almeida Filho, e **Jerônimo, o Grande Herói do Sertão** (1974), de Caetano Cosme da Silva. Curioso que não teve um do Juvêncio. Outros dois cordéis de Jerônimo foram publicados: **A Face da Morte: com Jerônimo o Heróis do Sertão**, de José Pedro Pontual, e **Jerônimo o Herói do Sertão em Laços de Sangue**, de João José da Silva.

Búfalo Bill ganhou um gibi pela RGE em 1954. As histórias eram inicialmente de tira de Fred Meagher para a United e depois material britânico (ver ‘Young Buffalo Bill ou Broncho Bill, uma Tira Pioneira’, ‘Reflexões sobre Imagem e Cultura’ nº 32, encarte do **QI** 197, jan/fev/2026). Lutz (Luiz Fernando Guimarães) fazia diversas capas. Algumas vezes, criava splash pages antes das tiras. É o caso da primeira edição. Edmundo Rodrigues ilustrava páginas de curiosidades, histórias ou tipos regionais como o Gaúcho (primeira edição). Em **Almanaque Campeões do Oeste 1957**, Edmundo Rodrigues publicou ‘Raimundo, o Boiadeiro’.

Nas ilustrações da página anterior, capa de **Charles Starrett as The Durango Kid** nº 37 (abril de 1955), arte de Fred Guardineer, usada em **Cavaleiro Negro** nº 45 (maio de 1956); história de **Durango Kid** nº 40 (agosto de 1955), por Fred Guardineer, adaptada no **Almanaque do Cavaleiro Negro 1958**; e capa de **Cavaleiro Negro** nº 67 (março de 1958), que trouxe história de Durango Kid.

Em 1963, surgiu na Espanha o Gringo, criado por Manuel Medina e Carlos Gimenez. Eram histórias adultas e a RGE precisou fazer adaptação para se adequar ao Código de Ética. **Cavaleiro Negro** durou até agosto de 1972, se encerrando no nº 245. Isso sem falar num Almanaque, Edição Extra e Edição Especial. Em 1979, a RGE lançou um gibi do Gringo, onde enfatizou na capa “Violência e Sexo no Oeste”.

Abaixo, capa de **Cavaleiro Negro** nº 239 (fevereiro de 1972), arte de Walmir Amaral, inspirada em uma história de Gringo com a personagem Selene.



Rocky Lane estreou em janeiro de 1953, publicando material das revistas da Fawcett e da Charlton (que assumiu vários títulos da Fawcett após ela deixar de publicar quadrinhos depois do processo da DC). Não consegui precisar quando começou a produção local, mas há uma dica, no Guia dos Quadrinhos diz que uma história de **Rocky Lane Western** nº 85 (junho de 1959) foi publicada em **Rocky Lane** nº 135 (1963) e a revista original se encerra na edição nº 87 (novembro de 1959). A revista teve capas por Walmir Amaral, Juarez Odilon, mas não sei se fizeram histórias ou apenas capas, sabemos apenas das histórias de Primaggio. **Rocky Lane** foi publicado até 1968 na edição nº 184. Tufão, o cavalo de Rocky Lane, também foi publicado pela La Selva em **Seleções Juvenis**.

Em 1970, Edmundo Rodrigues lançou **Máscara de Prata** pela O Livreiro, além de ilustrar personagens históricos como Daniel Boone em **Far-West em Quadrinhos** e Gerônimo e Jim Bowie em **Lendas e Histórias do Far-West**. Na Gorrión, republicou Máscara de Prata e Jim Bowie e publicou novas histórias como o ator Tim Holt em **Bravo Oeste**, além de Buffalo Bill em **Xerife**.

A Vecchi publicou títulos italianos ainda nos anos 1950: **Pecos Bill**, **Pequeno Xerife** e **Xuxá**.

Nos anos 1970, a Vecchi investiu de novo no gênero, trazendo mais italianos como **Tex** e **Ken Parker**, além de material americano e nacional em **Histórias do Faroeeste**, publicando de Giovanni Luigi Bonelli, Jack Kirby, Héctor Germán Oesterheld, Ivo Milazzo, Giancarlo Berardi até nacionais de Júlio Braz, Antonino Homobono, Julio Shimamoto, Flavio Colin, Jordi e Antônio Ribeiro. Em **Ken Parker**, lançou Chet, dos irmãos Wilde e Watson Portela. Em **O Chacal**, começou publicando Judas da Bonelli, para depois lançar um novo Chacal: Tony Carson, nome usado por Antônio Ribeiro em bolsilivros da Monterrey. Homobono também pintava capas de bolsilivros. Júlio Braz criou Cyprus Hook para **Histórias do Faroeeste**, um ex-soldado negro que mata um comandante racista. Ele ficou sabendo dos bolsilivros da Monterrey e resolveu começar a escrever, colaborando também com Cedibra, Margittai, BLC Edições (que republicou **O Chacal**) e Nova Leitura. Em entrevista ao Jô Soares, ele disse que no começo não curtia o gênero, mas resolveu pesquisar para escrever, assistindo a filmes da Sessão da Tarde e livros de Dee Brown. Mais tarde se tornou um bem-sucedido autor infanto-juvenil.

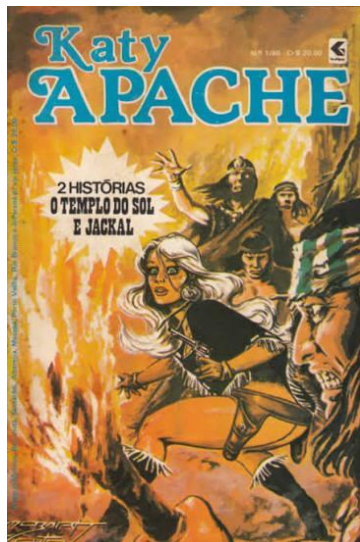
Pedro Mauro Moreno, que foi assistente de Ignácio Justo, lançou **Pancho**, inspirado nos spaghetis. Na década passada, voltou a trabalhar com quadrinhos, primeiro na Bonelli. Aqui publicou a trilogia **Gatilho** (2017-2019), roteirizada por Carlos Stefan. Em 2025, publicou pela Trem Fantasma **A Cangaceira**, baseado em um roteiro de filme de Luiz Chiaradia, Mans Reimer e Matheus Ronn. A HQ ganhou um novo roteiro adaptado por Luiz Chiaradia, com colaboração do irmão Jairo Moreno.

A Ebal publicava basicamente material americano, porém, por volta de 1972, Milton Sardella produziu histórias do Zorro (Lone Ranger). Uma história chegou a ser encomendada ao Fhaf (Floriano Hermeto de Almeida Filho), autor de histórias do Judoka, que também chegou a fazer uma história de Lampião e Maria Bonita, que saiu no álbum **O Judoka por Fhaf**, lançado por Francisco Ucha em 2018.

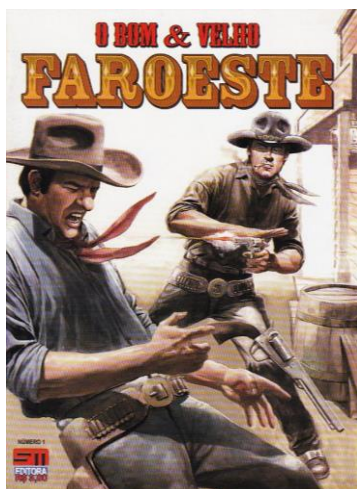
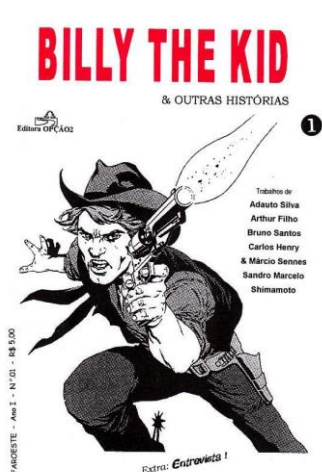
A Abril publicou histórias do Zorro (Capa e Espada) inspirado na série da Disney de 1957, com roteiros de Primaggio, Júlio de Andrade Filho e Ivan Sainenberg, e os desenhistas Rodolfo Zalla e Walmir Amaral.

A Ebal encomendou histórias de Zorro para Franco de Rosa, Arthur Garcia, Paulo Hamasaki e Sebastião Seabra. Mais tarde, Franco lançou um novo gibi de Zorro pela Maciata. Caso alguém duvide se Zorro pode ser faroeeste, uma história em particular: 'Zorro contra Don Del Oro'. Sainenberg se inspirou no seriado **A Legião do Zorro**. Eu até mencionei isso no blog da filha dele (eu tinha maratonado todos os seriados do Zorro na Republic).

Em 1979, surge **Katy Apache** de Cláudio Seto, uma brasileira chamada Catarina criada entre os apaches. A ideia original da Grafipar era publicar 'Swea Otanka', um curioso western italiano, estrelado por uma descendente de vikings criada entre índios. Algumas edições depois, Katy foi ilustrada por Mozart Couto.



Neste século, tiveram alguns títulos independentes como **Billy the Kid & Outras Histórias** da Opção 2 de Arthur Filho, com a colaboração de Adauto Silva, Elmano Silva, Luiz Saidenberg, Júlio Shimamoto, Worney Almeida de Souza, Vilachã, Laudo Ferreira, Omar Viñole, Tony Fernandes, Primaggio Mantovi, Walmir Amaral. Tendo não só Billy the Kid como Cavaleiro Negro e Rocky Lane.



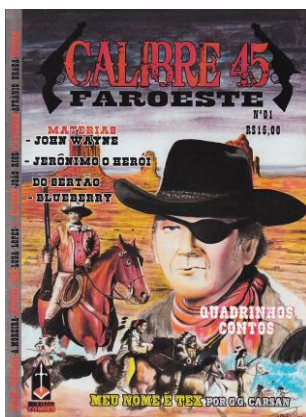
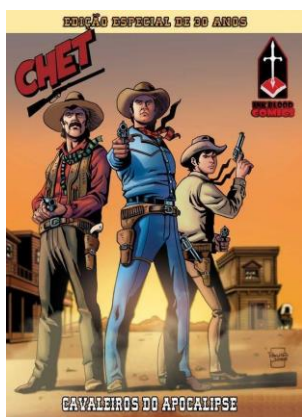
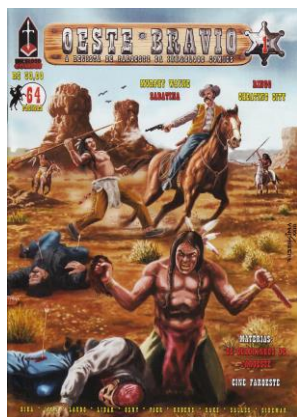
O Bom & Velho Faroeste (SM Editora/Júpiter 2) republicou clássicos como Jane West e Sierra Lane de Gedeone Malagola, e histórias inéditas de Flecha Ligeira e Cavaleiro Negro por José Menezes, além de histórias de José Salles, Adauto Silva, Elmano Silva, entre outros.

Primaggio publicou **Reis do Faroeste e Almanaque Rocky Lane**.



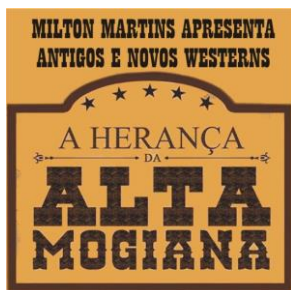
Em 2010, a editora As Américas lançou **Apache – Um Western Diferente**, de Tony Fernandes. A revista também publicou HQ de Alberto de Almeida Lima (Beto).

A Ink&Blood Comics, que relançou **Calafrio** e **Mestres do Terror**, ajudou na publicação de **Billy the Kid**, publicou um especial de 30 anos de Chet em 2010 e, em 2023, lançou **Oeste Bravo**. Antes já havia lançado um número de **Calibre 45**.

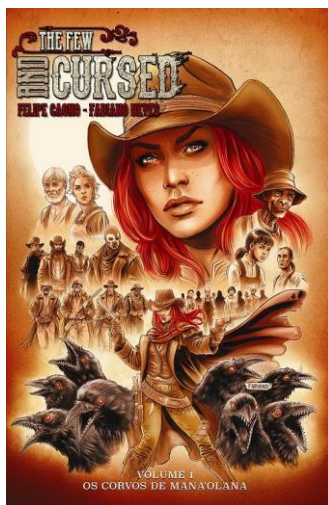


Em 2014, o cineasta e roteirista Felipe Cagno lançou **The Few and Cursed** (Os Poucos e Amaldiçoados), na antologia **321 Fast Comics**, editada por ele e publicada via financiamento coletivo (Catarse). No ano seguinte, lançou como série separada, escrita por ele e ilustrada por Fabiano Neves. Trata-se de uma serie “weird western”, num mundo onde 90% da água acabou em 1840 e a humanidade não evoluiu além do século XIX.

A protagonista é chamada apenas de Ruiva. Ele também publicou histórias desse universo por outros autores como Luke Ross, José Luís, Pedro



Mauro, Andrew Dalhouse, Adriano Di Benedetto, Sam Hart, Felipe Watanabe e Geraldo Borges.



No documentário **A Herança da Alta Mogiana** (2015), Milton Martins conta a história da região paulista que serviu de cenário para vários filmes do gênero. Nos capítulos foram usados quadrinhos baseados nesses filmes.

Lash Larue/Don Chicote e Tim Holt em histórias nacionais. Embora ambos tenham muitas histórias americanas, não se fala que também tiveram histórias produzidas aqui. Achei algumas feitas aqui, do Lash. Algumas sem assinatura, mas umas assinadas. Em anexo, uma do Gutemberg Monteiro de **Don Chicote** nº 93 (setembro de 1962), mas a capa é de José Menezes. Outras de J. Bezerra em 1966, que assinava as capas das mesmas edições.



Já Tim Holt é de **Bravo Oeste** nº 2. Parece ser do Edmundo Rodrigues. Segundo o Guia, a mesma história aparece em **Lendas e Histórias do Far-West** nº 2 (1970) da editora O Livreiro. É curioso que Edmundo só fazia histórias sobre tipos nacionais nessas revistas de personagens gringos na RGE, além do Jerônimo para a mesma editora e Juvêncio para a Prelúdio. Essas de Don Chicote que citei são muito mais realistas que as gringas, talvez por usarem fotos dele como referência. É o caso desse nº 138, com capa de Juarez Odilon. É difícil saber onde parou a produção gringa e começaram a publicar nacionais. No Guia tem muitos buracos e algumas nacionais assinadas, fora que da revista original tem muitos números que não estão associadas com a edição nacional. Lá aparece a nº 81 publicada em **Don Chicote** nº 79 (julho de 1961) e a nº 84 publicada em **Almanaque dos Heróis do Oeste** 1968. Talvez o material tenha atrasado. Não dá para saber se essa do Almanaque já tinha sido publicada antes.

Por alguma razão, no Guia colocam o personagem Tim Holt como Máscara Vermelha, mas em outros, tem identidades separadas. Essa do Edmundo é claramente apenas Tim Holt. Conhecendo os catálogos mais famosos (Grand Comic Database, Comic Vine, Tebeosfera, Inducks), vejo que cada um lida de forma diferente sobre isso.



No texto de apresentação do álbum da **Coleção Bala de Prata** nº 14, dedicado a Máscara Vermelha, publicado em outubro de 1998, Valdir Dâmaso esclarece:

“No início era Tim Holt, um “mocinho” do cinema que passou a aparecer nas histórias em quadrinhos, em aventuras publicadas nas revistas da Ebal a partir da **Aí, Mocinho!** nº 65 (1ª série), de março de 1955.”

“Depois Tim Holt virou identidade secreta do Máscara Vermelha (Red Mask), e as histórias passaram também a ser publicadas nas revistas **O Lobinho** (Editora A Noite) e **O Guri** (Editora O Cruzeiro).”

“E em uma terceira fase o Máscara Vermelha perdeu a identidade secreta, não aparecendo mais como Tim Holt, e essas suas novas histórias, na maioria, saíram na revista **O Guri**, da qual extraímos as aventuras selecionadas para este álbum. Duas dessas histórias de **O Guri** foram reprisadas em 1981, no **Almanaque Bang-Bang** nº 1, e foi deste que as copiamos.”

“Curiosidade: no princípio a máscara do Red Mask era um lenço vermelho que cobria o nariz e a boca (semelhante ao Durango Kid); depois passou a ser uma máscara vermelha sobre os olhos (como The Lone Ranger). Nas páginas 6 e 7 (logo abaixo) deste álbum vemos o início da mesma história, com os mesmos desenhos do competente Frank Bolle, porém mostrando as duas versões da máscara.”



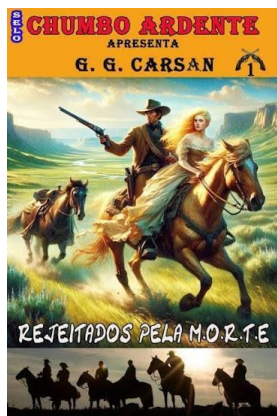
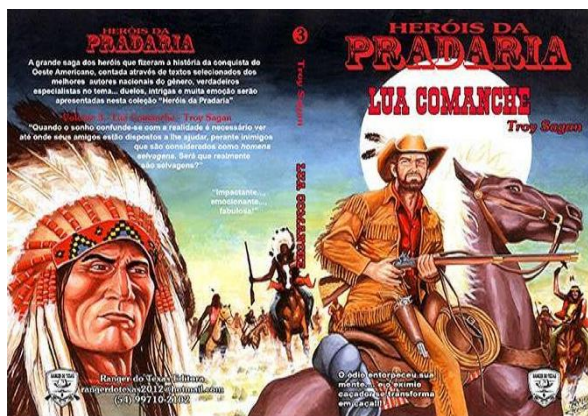
A Nova Leitura surgiu em 1986 e publicou apenas autores nacionais com pseudônimos, como Júlio Braz, Beatriz Fernandes da Rocha e Ryoki Inoue, esse registrado no livro dos recordes pela quantidade de livros que escreveu.

A editora publicou capas de Antonino e de Nicole Kirsteller, artista francesa e esposa de Inoue.

Faltou alguma coisa de Apache do Tony Fernandes. Durou 6 edições. Atualmente, ele publica de forma independente.



A editora/loja especializada Ranger do Texas lançou no Catarse uma coleção de bolsilivros chamada Heróis da Pradaria. Dentre eles, um livro de Júlio Braz, **Lua Comanche**, assinando com seu primeiro pseudônimo, Troy Sagan, e de outros autores como Rômulo Rangel do blog/projeto Bolsilivros Club. G.G. Carsan, autor de livro de Tex, lança bolsilivros pelo selo Chumbo Ardente.



Em 2026, Laudo Ferreira lança **Biblioteca Brasileira de Quadrinhos – Laudo** pela Go!!! Comics. Nela tem uma história de Sabatina, personagem publicado pela **Oeste Bravio**. Ele usa o termo “faroeste feijoada” para definir as histórias de Sabatina.

A personagem Swea Otanka, que menciono quando falo da Katy Apache, teria sido publicada na revista **Akim** da Noblet.

A Monterrey se instalou no Brasil em 1956, trazendo O Coyote de José Mallorqui e outros trabalhos. A Cedibra foi filial brasileira da Editorial Bruguera espanhola. Veio como Bruguera e em 1972 mudou para Cedibra. O Lucchetti não só escreveu como foi editor nela. Em 1988 a editora lançou **Colt 45**, que, na primeira edição, trouxe quadrinização de uma história do escritor espanhol Marcial Lafuente Estefania. Era estampado na capa com desenhos de Rodval Matias. A revista também trouxe histórias escritas por Franco de Rosa, também ilustradas por Matias e na última edição, uma escrita por Júlio Emílio Braz, com desenhos de Eduardo Vetillo. Não está claro se essas outras eram adaptações, mas o nome de Estefania era estampado nas capas. No mesmo ano, também lançou **Caravana**, com histórias de Luís Rodrigues. As capas traziam o nome de Estefania, mas também não achei se eram adaptações. Ambas tiveram 4 edições.



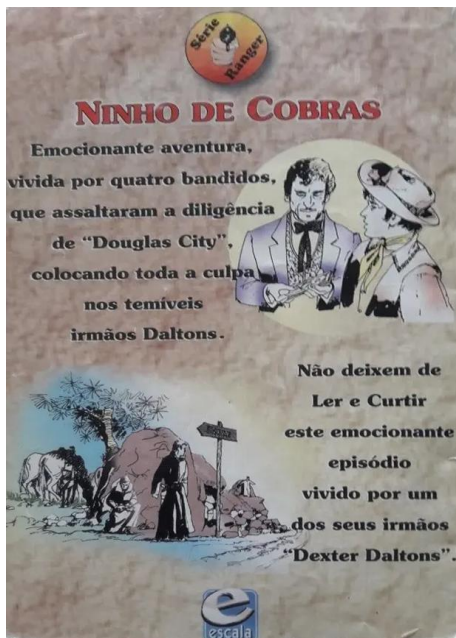
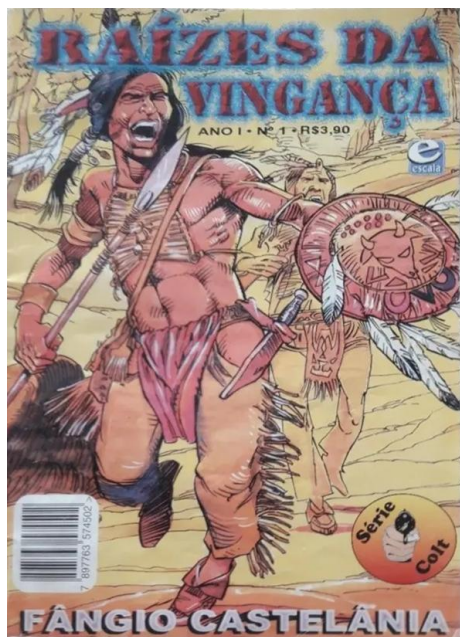
Achei uma entrevista do Júlio Braz ao Tony Fernandes, onde cita mais inspirações:

“No princípio, eu calquei muito as minhas histórias nos filmes que eu vi e passei a ver mais ainda na Sessão da Tarde e outros de que me lembrava dos tempos de criança como **Gunsmoke** (meu favorito), **James West** (muito doido), a série com Tim Holt, Cisco Kid e até dois ou três bem antigos, como **Bat Masterson**, **O Xerife de Cochise** e **Uma Casa na Campina**. Ao mesmo tempo, passei a ler livros de autores que escreviam sobre o assunto, com Dee Brown (**Enterrem Meu Coração na Curva do Rio**), adquirei um monte de revistas da **Seleções do Readers Digest** (pois sempre encontrava nelas matérias sobre personagens do Oeste americano) e até documentários como **Acredite se Quiser** (exibido na antiga TV Manchete e apresentado por Jack Palance). E numa etapa posterior, já dominando a técnica, passei a fazer loucuras como misturar gêneros (western com policial, western com terror etc.), culminando com a adaptação para o western de peças de Shakespeare tais como **A Megera Domada** (**A Dama de Diabo Hole**), **O Mercenário de Veneza** (**O Imperador das Rochosas**) e **Racine**, tais como **Fedra** (**Cheyenne Lil**).

<http://bengalaboysclub.blogspot.com/2017/07/entrevista-com-julio-emilio-braz.html>

Coisas que não consegui descobrir.

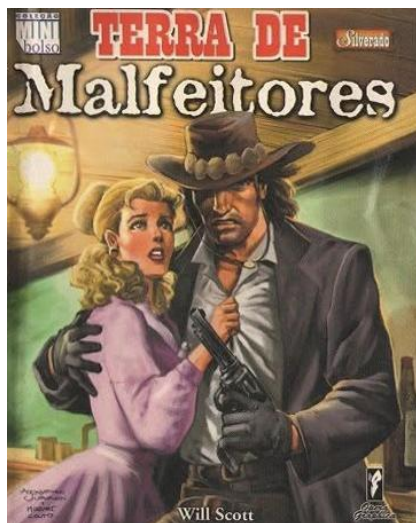
No final dos anos 1990, início dos anos 2000, a Escala lançou alguns livros de bolso, num formato próximo do formatinho. Saíram alguns da chamada Série Colt por um autor chamado Fângio Castelânia. O nome parece italiano, mas acho que é pseudônimo, nunca encontrei nada a respeito. Foram dois livros, **Raízes da Vingança** e **Sangue no Colorado**. Há um anúncio para **Ninho de Cobras** pela Série Ranger, mas não achei.



Outro caso foi o de Wilde Portela. Ele disse ter escrito bolsilivros do Zorro com pseudônimos, mas nunca falou na editora. Ele falou a respeito no Facebook, cheguei a perguntar no perfil, mas nunca mais apareceu online e sigo sem resposta, queria saber pelo menos a editora.

Pela Opera Graphica, o R.F. Lucchetti escreveu alguns livros da Coleção Mini-Bolso, dentre eles, **Terra de Malfeitores**, assinando como Will Scott.

A Biblioteca Nacional tinha um site onde por vezes dava para conseguir achar autores, mas está inacessível.



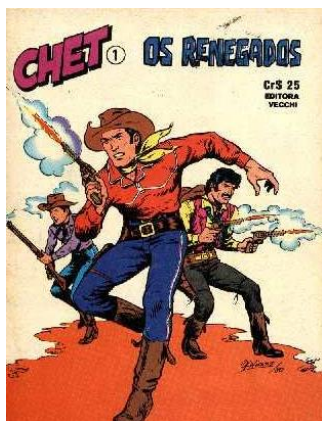
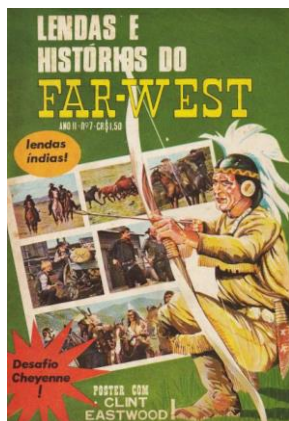
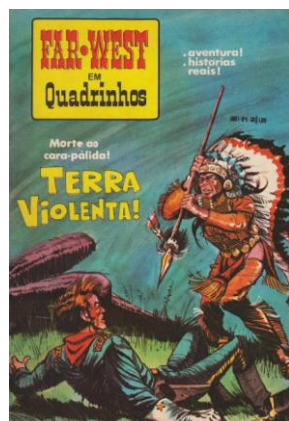
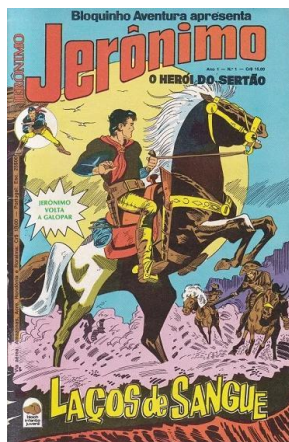
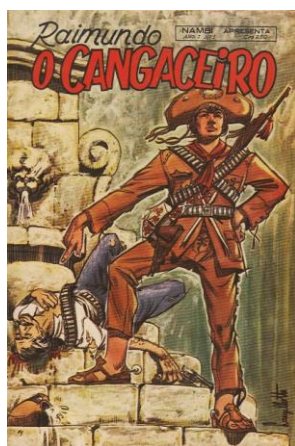
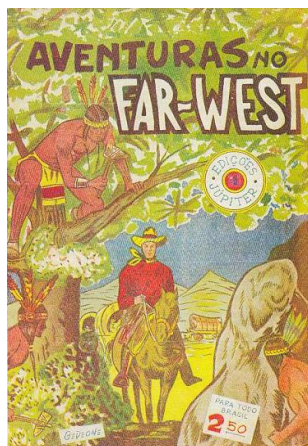
Enquanto pesquisava sobre o Cavaleiro Negro na RGE, achei esse anúncio de um filme de 1923 da Guanabara Film, escrito e dirigido por Luís de Barros. Na Wiki, há uma sinopse do próprio cineasta, oriunda de sua autobiografia, *Minhas Memórias de Cineasta* (1978): “Vendo um cavaleiro negro, o mocinho Álvaro corre atrás dele. Na corrida o cavaleiro cai e ele tem a revelação de que se trata de uma moça. Os dois acabam se apaixonando.”

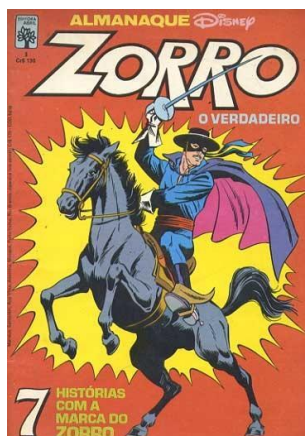
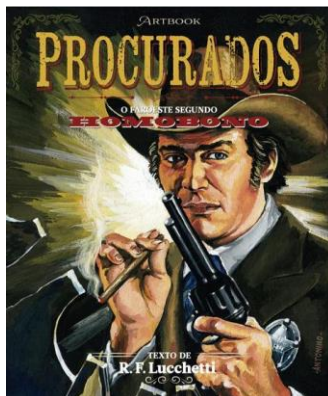
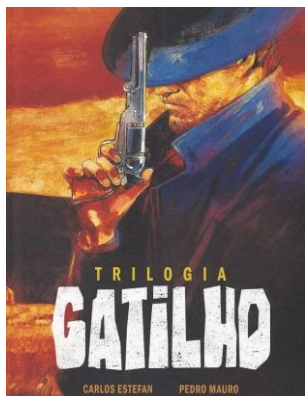
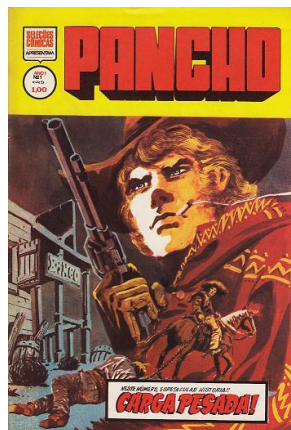
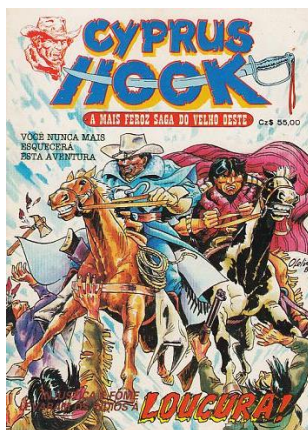
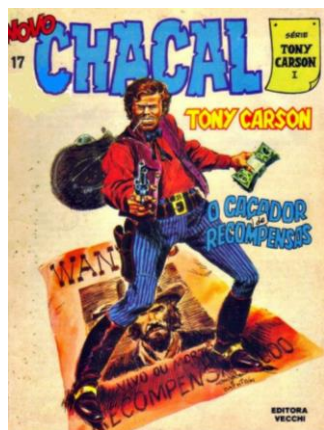
O filme é perdido, nenhum outro lugar o chama de western (a Cinemateca o classifica como drama), mas eu acho que as pistas indicam isso, o visual da heroína (lembrando Zorro) e a descrição do elenco: Álvaro Fonseca como Álvaro, o mocinho, Antônia Denegri como Cavaleiro Negro, Augusto Aníbal como Fazendeiro e Manoel F. de Araújo como Chefe Indiano. Concluo que indiano fosse como índios eram chamados naquela altura, com o personagem sendo um tipo de cacique.

Não só Léo Canhoto & Robertinho protagonizaram filme do gênero. A dupla de irmãos Tônico & Tinoco esteve em 3 filmes entre 1971 e 1972. O primeiro, **A Marca da Ferradura**, dirigido por Nelson Teixeira Mendes, teve roteiro de Lucchetti. Eles interpretam dois heróis mascarados (curioso que eles só aparecem mascarados no disco da trilha do filme, não em anúncios). No ano seguinte, vieram **Os Três Justiceiros**, dessa vez Nelson também assina o roteiro. Nele é adicionado mais um irmão como herói mascarado, Chiquinho. Terminando com **Luar do Sertão**, de Osvaldo de Oliveira, refilmagem de um filme de mesmo nome de 1949.



Outras capas e imagens mencionadas no texto.





Papos Tais

1 5

Conversa com Alexandre Yudenitsch sobre vários assuntos.

Quer dizer que já recebemos o **QI** relativo a dez/2026 (out-dez, para ser exato) enviado no 1º semestre de 2026? Será que isso não está passando dos limites?

Bom, deixa pra lá! Minha intenção era apreciar devidamente o ‘último **QI** físico’, e depois lhe escrever; mas lendo o Editorial sobre a “nova fase”, senti que não devia esperar mais, e estou lhe escrevendo agora, ‘antes que seja tarde’...

A essência do que quero transmitir é que, apesar de passar o **QI** do papel para o arquivo digital, a sua cabeça não acompanhou a mudança: Você ainda pensa no **QI** como uma publicação (fanzine, revista) física, que passará a ser ‘impressa’ em arquivos digitais. Isso tem 2 componentes: ‘publicação’ (substantivo, não adjetivo) e ‘concretização’ (organização física, em impressão em papel ou gravação em arquivo eletrônico). Pessoalmente, valorizo bastante as ‘publicações’ (conteúdos finitos reunidos num conjunto imutável), o que inclui revistas/zines, livros, filmes, programas de rádio/TV etc.: O principal atrativo, para mim, é exatamente esse caráter “quântico”, de ‘um pacote fechado’, que nos obriga a tratar o todo como um conjunto, mesmo que composto de partes variadas e inesperadas. A alternativa são conteúdos ‘fluidos’, que vão mudando, evoluindo constantemente, sem fronteiras pré-determinadas: Um bate-papo, um blogue que vai crescendo e se renovando, um espetáculo improvisado etc.

O **QI** sempre foi uma ‘publicação’, e creio que você gosta de ser editor de publicações, por isso o **QI** ‘da nova fase’ deveria, sim, continuar a ser uma ‘publicação’, mesmo que concretizada em mídia eletrônica e, ‘à vontade do freguês’, com esse conteúdo impresso em papel. Mas seria mais produtivo passar a pensar no **QI** como “um arquivo digital, com textos e imagens (e vídeos?)” criado (+/-) periodicamente e distribuído aos interessados (e outros): Há preocupações com a reunião, seleção e organização dos conteúdos, e também com os aspectos práticos da concretização (juntar e editar todos esses conteúdos, nos formatos adequados) no ‘arquivo digital final’ – e a preocupação com os conteúdos é parecida no zine físico e no eletrônico, mas a concretização é bastante diferente! Releia o editorial com isso em mente, e veja se não lhe aparecem visões novas para o futuro do **QI**!

O formato (físico e lógico) do **QI** até agora deve ter sido fortemente influenciado pelo modo de sua produção e distribuição: zine em papel, reproduzido em xerox p&b, enviado pelo correio – donde, o formato “A5+” em p&b. Mas, se o Novo **QI** passar a ser primariamente um arquivo digital (continuando a ser publicação, como a defini acima), para leitura em telas, não há necessidade nenhuma de fazer o layout (leiaute?) nas dimensões do A5: Um A4 (em cores, quando couberem!) fica bem para tal visualização, e permite a impressão 1:1 no papel (em p&b ou em cores, como é hoje), ou em A5 se desejado (com diminuição de visualização e legibilidade, mas fica sendo uma escolha individual). Isso afeta as considerações sobre tipos de letras e as imagens escolhidas para inclusão (até vídeos curtos seriam aceitáveis, e vídeos mais longos poderiam ser os novos “encartes”) – sempre quando forem relevantes, e não só para chamar a atenção... Comento sobre isso pois no **QI** 200 notei que há bastante preocupação com isso, e por isso quis logo mandar-lhe esta visão.

Você está certo. Continuo pensando na edição como se fosse para ser impressa. Apenas não será, por mim. Mas em todas as edições que fiz, mesmo os encartes somente digitais que tenho feito há muitos anos, sempre foram feitos para que pudessem ser facilmente impressos, caso fosse necessário ou desejável. É o caso do “Psiu”, que já está no nº 25. É uma revista feita para ser impressa, só que não.

Embora eu tenha dito que poderia achar algum modo de fazer capas “criativas” no formato digital, como fiz no impresso, acho pouco provável. Na verdade, não pretendo usar recursos tecnológicos que poderiam ser acrescentados no fanzine, primeiro porque não sei fazer isso e segundo porque não gosto.

E neste **QI** 200 você usou as ‘capas “criativas”’ em ambas, dianteira e traseira.

Como disse, não tenho nenhuma intenção de incluir recursos “avançados” na edição, como índice que faz a tela pular automaticamente para a página desejada, ou simplesmente colocar no formato deitado para melhor visualização na tela. Inserir vídeos, nunca sequer pensei no assunto. Mas, quem sabe o futuro? Vai que alguém me rogou uma praga que eu vou me tornar o maior neófito das novas tecnologias. Vade retro.

Mais claro impossível!

Até hoje, tanto no “QI” como nos encartes, eu nunca deixo os links ativos no arquivo. Eu sempre os reescrevo de modo a não serem acessados num único clique. Prefiro assim. Quem quiser acessar um link informado, pode (quase tão facilmente) copiar e colar. Também as imagens que alguns me mandam que, clicadas, podem evocar algum site, eu desativo os hiperlinks. Não tenho certeza se isso aumenta o tamanho do arquivo, mas certamente se algum desses links chamar um site duvidoso, não quero que isso seja acessado de dentro de minha publicação.

Pelo que sei, isso praticamente não muda o tamanho dos arquivos, pois um link ou um texto não são muito diferentes nesse sentido. Agora, quanto à política de ‘deslinkar’ as URLs e os emails publicados no **QI**, passa a ser mais relevante com o **QI** ‘visto em tela’, pois é comum que tais links sejam ‘ativos’. Talvez valha a pena citar essa política no expediente?

Você falou algo que vou pensar. Estou já diagramando o “QI” 201 (desisti de recomençar no número 1, é menosprezar os 200 números já feitos) no formato A5 pois achei que fica mais fácil para futura impressão. Também fica num formato próximo à maioria dos livros. Acho que a leitura fica bem agradável na tela.

Acho que isso é exatamente o ponto que tentei focar. Muita coisa depende da ‘premissa’: O ‘novo **QI**’ é feito para ser impresso, ou para ser visto numa tela? Muitas decisões dependem disso, e são diferentes se a premissa de visualização ‘normal’ for “numa tela (de computador)”, “numa tela (de celular)”, “num formatinho A5”, “num formato A4”, ou outras ainda. Imagino que ainda está em tempo para analisar isso (afinal, o **QI** 201 deveria ter a data de “jan/27” em diante – ou o expediente do **QI** 200 ficaria inválido), e depois continuar a produzir e publicar o **QI** 200+ com o ‘formato de visualização’ decidido. Desculpe, mas esse negócio de ‘data do **QI**’ está saindo do controle: Será que você não está com vontade de publicar o **QI** (pelo menos por enquanto) com uma frequência maior, tipo bimestral? Aí, o ‘novo **QI**’ não começaria em jan/27, mas poderia ser de set/26 com uma ‘correção retroativa’ dos **QI** 197-200 para os 4 primeiros bimestres de 2026.

Quando defini o formato A5 para a nova fase do “QI”, tinha em mente, certamente, a facilidade de impressão. Daí abrir mão do padrão usado até então, o meio ofício 2, e adotar o A5. Levei em conta também o formato das edições feitas pela loja Kalimazine. O formato usado pela loja que eu acho melhor é um pouco menor que o A5 (140x200mm, é a impressão em A5 com o refilo). Então adotei o A5, que na hora de imprimir sofrerá uma pequena redução para que o refilo seja possível.

Noto que você sempre volta aos aspectos de impressão; creio que, no fundo, você continua(rá) vendo o **QI** como um fanzine impresso, em 1º lugar (que era o ponto básico que levantei para definição). Se é isso, tudo bem, mas que fique claro que É isso.

Aqui vai uma questão sacada de minha experiência pessoal. É claro que sei que os sistemas de impressão partem de um documento de qualquer tamanho e imprimem em papel de qualquer tamanho fazendo o devido ajuste. Só que não. Meu computador, meu Windows, meu Word, minha impressora, meu drive, sei lá em que instância, não se comunicam com essa facilidade que se acha no mundo ideal (ao menos o mundo dos impressores profissionais). Então eu sempre tive que fazer documento em Word no formato exato em que seria impresso.

Faz MUITOS anos que uso o programa “Fine Print” para criar uma impressora virtual, para a qual imprimo tudo primeiro – e, depois, no programa, escolho a impressora física (ou até virtual) a ser usada na impressão ‘física’, e dá para fazer todos os ajustes necessários, inclusive deletar algumas páginas, mudar a ordem delas, usar formato diferente do original, acrescentar textos ou recursos gráficos etc. Além da versatilidade, isso poupa papel, pois tenho tudo que quero ‘impresso’ (num arquivo imprimível), com versões diferentes para cada caso que me interessa. Valeu muito a pena no correr dos anos, mas hoje o programa custa US\$ 100, que eu não pagaria (originalmente, creio que foram uns \$20-\$30, no tempo em que qualquer programa de computador custava nessa faixa ou mais).

Daí estou fazendo o novo “QI” em A5, para eventual impressão em A5, mesmo que quem vá imprimir não tenha todos os recursos de um impressor profissional (no popular, tenha um sistema tão ruim como o meu). Mas não acho que o A5 seja uma escolha particularmente ruim para uma edição digital. Aliás, aqui vem uma “comida de bola” minha. Andei falando que o A5 com uma fonte 10 daria boa visualização na tela. Bobagem, na tela o leitor põe o documento no tamanho que ele quiser. Não faz (muita) diferença o formato adotado no documento. Na tela, quem manda é o leitor.

Pessoalmente, eu teria optado pelo A\$ como ‘formato de design’ para o **QI** 200+, o que não atrapalharia quem quisesse imprimi-lo em A%; bastaria escolher fontes a serem usadas no A4 que ainda seriam legíveis se impressas em A5, como você comentou.

Aqui uma curiosidade. Quando o Henrique Magalhães decidiu parar de fazer edições impressas e se concentrar nas edições digitais, passou a fazer as novas edições somente digitais no formato horizontal, na proporção comum da tela de computador, achando que assim seria melhor.

Não sei exatamente o motivo, mas atualmente as novas edições digitais que ele faz estão no formato vertical, no mesmo formato dos livros, como fazia antes impresso. Talvez não tenha feito nenhuma diferença para o leitor. E aí voltou ao padrão que usava nos livros impressos.

Pergunte para ele, mas talvez seja algo que eu pretendia comentar também: Mesmo o “ler na tela” já mudou. No século 20, a “tela” era do computador de mesa, mas hoje, para a maioria crescente das pessoas, é a tela do celular, que tem o formato vertical – então, voltar para esse formato é estar em dia com os tempos...

Aqui, mais uma vez, a escolha do ‘formato básico’ do **QI** determina até isso: Realmente, ler na tela ‘horizontal’ do computador seria mais eficiente com um **QI** horizontal; mas no celular, o formato vertical (A4 ou A5) é o indicado!

Quanto às datas no expediente do “QI”, concordo com você, saiu do controle. Mudei a periodicidade de bimestral para trimestral para fazer o 200 coincidir com o final do ano e iniciar o 201 no começo do novo ano, mas acabei fazendo as edições de 2026 bimestrais, então o adianto que havia ficou maior. A solução que você sugeriu, de colocar a data de set/2026 no “QI” 201 e corrigir retroativamente as datas dos números anteriores, não me agrada (aquele negócio de reescrever a história não é comigo, mesmo uma história pequena).

Meu sentimento também, mas muitas vezes temos de sacrificar nossas preferências em prol da liberdade depois do ‘escorregão’...

Minha solução é corrigir aos poucos. Assim, vou atrasar um tanto a saída do “QI” 201, ou seja, com a data de janeiro de 2027, mas saindo, por exemplo, em outubro. Depois o 202, com data de março, saindo, por exemplo, em janeiro e aí já está a um passo do acerto das datas.

No final das contas, ficará tudo em ordem em meados de 2027; e, como essas divergências entre a data formal e a real sempre foram amplamente comentadas, ninguém será enganado.

Outro aspecto ligado à ‘forma física’ do **QI** e sua distribuição é que, como ele passará a ser um arquivo digital, não há em princípio necessidade de enviar uma cópia desse arquivo para cada um dos assinantes (que, agora, poderiam ser chamados de “seguidores”, usando a nomenclatura das redes sociais, pois a única coisa que esses felizardos precisam fazer é manifestar um interesse pelo **QI**), bastando enviar um link para o novo número no site, por exemplo:

<http://www.marcadefantasia.com/ego/qi/qi-151-200/qi-191-200/qi200/qi200.pdf>

Pensando bem, talvez o envio de cópia do arquivo seja mesmo recomendável, pois nem todos os agora-seguidores terão o conhecimento e/ou os recursos para baixar o **QI** (e seus ex-encartes, agora num arquivo separado, e outros ‘extras’ tipo **Psiu**), inclusive acesso à internet, então seria mais indicado ter essa facilidade.

Será que no site Marca de Fantasia poderia ser a(di)cionado algum mecanismo que registrasse toda vez que um desses arquivos for baixado, com ou sem o registro do endereço, para dar uma ideia sobre quantos estão realmente interessados (claro, alguns podem só baixar e nunca ler, e outros podem preferir só ler no site sem baixar, mas deve ajudar).

Também poderia haver um meio para o envio de ‘contribuições’, que permitisse que os desejosos de contribuir para a continuidade do **QI** e seus satélites pudessem fazê-lo de modo fácil, tipo o popularíssimo Pix.

Então, você aproveitou o **QI** 200 para fazer uma última invenção com as capas, com a sua analogia com Gutemberg na capa da frente e uma demonstração do efeito da falta de Maraiah na de trás... e incluiu uma indicação de como foi isso na página ‘extra’ (57) do arquivo digital (que ficou tão sem graça como qualquer explicação de piada para quem não entendeu, AMV).

Mas alguns “recursos ‘avançados’ na edição, como índice que faz a tela pular automaticamente para a página desejada” já estão na página que introduz o **QI** 200 no site, na cópia do “Editorial” com todos os links ‘ativos’, ie, que já levam diretamente para a página correta no site!

Novas boas sugestões. Eu não tinha reparado que o Henrique, na página de apresentação do “QI” 200, tinha colocado links para os encartes. Ficou muito bom. Quanto a um contador de downloads de cada edição, realmente é algo muito útil.

Creio que há 2 tipos de links envolvidos: Os que são para páginas da internet, com sites ou material para ‘download’ ou os ‘internos’ a um documento (PDF, DOC, ou outro formato). No caso acima, ele acrescentou links ‘ativos’ (aqueles que já levam diretamente para a página correta) do site Marca de Fantasia, e eles não estavam no seu texto original; links ‘internos’ a um documento PDF são gerados dentro do próprio, e ajudam na ‘navegação interna do documento’. O problema com os links a sites fora do seu controle, que você também citou, são um caso bem diferente.

Eu já havia questionado o Henrique sobre isso, não sei se o software que ele usa para fazer as páginas do site tem esse recurso. Parece algo fácil quando se vê que vários blogs têm algum tipo de contador, mas só quem usa é que sabe se é tão fácil assim. Um tempo atrás ele “contratou” um site externo para fazer essa contagem, só para algumas edições. Mas acho que não funcionou direito. Seria muito útil que essa informação aparecesse logo na página de visualização ou download de cada edição.

Creio que há os que só atualizam um ‘contador de downloads’, outros registram o endereço de cada download (permitindo saber QUEM baixou o arquivo, muito bom para marketing, mas também útil para gerenciar os leitores do **QI**). Não tenho experiência nenhuma com isso, mas não deve ser difícil pelo menos saber se há essa possibilidade de modo fácil de instalar/ativar.

Às vezes, tenho alguma ideia que parte do pressuposto que todo leitor tem a informação necessária para entendê-la e acabo sendo surpreendido. Foi o caso dessa capa do “QI” 200. Vários leitores tiveram dificuldade de identificar o barbudo da capa. Você achou que fosse Gutemberg (que tem lógica, pois era a última edição impressa). Não achei que todo mundo soubesse como era a cara do Nostradamus, mas achei que todos identificassem a referência a ele na frase acima da imagem. A suposta profecia de Nostradamus sobre o fim do mundo no ano 2000 dizia justamente, segundo consta, “ao 2000 chegarás, do 2000 não passarás”.

Tão logo vi o dito “Ao 200 chegarás!”, sabia que se referia à famosa profecia (furada) sobre o ano 2000, às vezes atribuída a Nostradamus (que até escreveu que suas profecias estendiam-se de 1555 até o ano 3797!); mas, como exatamente você tinha chegado ao 200, e estava com tudo engatilhado para ‘passar do 200’, achei que seria um escárnio sobre a profecia, que não é de Michel de Notredame, então pensei em quem mais poderia ser relevante para a ocasião, e seria parecido com a imagem; puxando pela memória visual, pensei em Martinho Lutero, que não seria apropriado, e depois em Gutenberg, que me parece ser representado de forma semelhante (memória visual não é meu forte). Então, quem pensar em Nostradamus estará errado de 2 formas (quanto ao conteúdo e quanto à autoria).

Aquela página extra no “QI” 200 digital, com a explicação da capa, é culpa justamente sua. Um tempo atrás você questionou essa diferença que havia nas capas com montagens do “QI” impresso e que não aparecia para o leitor da versão digital. Então achei que devia, no arquivo digital, acrescentar informação de como tinha sido na edição impressa.

É claro que o efeito se perde, mas o leitor digital fica informado.

Sim, lembro dessa ‘conversa’, e continuo achando útil e válida a página extra; só comentei que, “contando a piada”, ela perde a graça – o que, pelo visto, não será mais necessário, já que você pretende parar com tais travessuras...

Aliás, você também dedicou o ‘Papos Tais’ 14 à capa de trás, com a outra ‘sobreposição’, então o assunto deu bastante pano pra manga...

Interessante a sugestão de “contribuição” via Pix, não havia me ocorrido. Parece aquela opção nas campanhas de financiamento, você paga um valor para não receber a edição. É meio esquisito. De qualquer forma, não vou adotá-la, não tenho mais os custos de impressão e correio, só o tempo gasto para editar o “QI”, mas o tempo o governo já me paga (ou melhor, o governo me devolve pois já paguei adiantado por 40 anos). Então talvez o leitor achasse esquisito eu pedir contribuição.

Não é inusitado, pois lembro que várias vezes, no correr dos anos, sugeri que aumentasse o valor da assinatura e, claro, estava disposto a pagar mais, mas não quis ser “mais realista do que o rei”. Isso lembra que, com o novo ‘modelo’, talvez alguns leitores atuais relutem em ter que usar computadores (como o Rod Tigre revoltado no envio do **Blenq**, onde a ECT agora queria o uso de QRCode), e achem caro demais comprar a edição impressa, então talvez fosse útil um fundo para “leitorandos” do “QI 200+”, onde contribuições poderiam financiar a realização desses desejos?

Obrigado pela rápida resposta em 28 jun – mas imagino que ela indica que não recebeu o email anterior enviado em 26 jun, pois até estranhei a falta de resposta (você costuma responder logo, a menos que esteja ainda ‘processando’ as coisas, ou quer juntar com outras). Se não recebeu, posso reenviar.

Recebi o email reenviado. Eu havia recebido, sim, mas, talvez, ao responder o email seguinte, tenha deixado de comentar itens desse anterior.

Deve ser, em maior escala, um fenômeno cada vez mais frequente. Ao ler uma mensagem (email, SMS, carta), a pessoa responde ao assunto que motivou o desejo/necessidade de uma resposta, e nem lembra de responder a outros ‘assuntos’ da mensagem que também mereceriam resposta, e que assim ficam pendentes (possivelmente, para sempre). Creio que é motivado pelo hábito de usar WhatsApp e SMS, que geralmente envolvem textos curtos, sobre um assunto ou detalhe só...

Eu fiquei cismado de ter citado o Henrique Magalhães, colocando uma impressão minha como se fosse uma decisão dele. Consultei o Henrique e ele confirmou que realmente passou a fazer as edições horizontais quando decidi só fazer edições digitais, visando às telas horizontais de computador, mas depois voltou ao formato vertical quando ele próprio passou usar o tablet em vez do desktop.

Não tinha lembrado dos tablets; nunca usei um, mas talvez o faça no futuro, para leitura de livros e assemelhados, o que talvez tenha motivado o Henrique a usar um – mas, para a maioria, o formato do celular será o ‘formato da internet’ no futuro previsível (que está ficando cada vez mais curto, pois a IA vai afetar MUITAS coisas), e eles nem pensam que estão usando um computador, então “computador” é aquele trambolho do ‘desktop’.

Eu não conhecia o programa Fine Print, que parece muito interessante. Mas o recurso que eu precisava não era nada de mais, era só imprimir duas páginas de documento em uma página de papel, e nem isso meu Word era capaz de fazer.

No caso do FP (Fine Print), ele permite colocar até 8 páginas numa folha de impressão – mas esse é um recurso que muitos outros programas de impressão também têm, mas isso geralmente não é competência do processador de textos (Word ou outros). O FP também pode ‘montar’ livretos de até 16 páginas, com impressão frente e verso (se sua impressora não tem o recurso, você tem de imprimir as frentes antes, depois os versos).

E aqui uma constatação. Nunca dei sorte com equipamentos eletrônicos e digitais. Já contei nos “QI”s recentes minha saga de não conseguir instalar o drive de uma impressora nova que comprei. Mas isso vem de longa data. Quando o PageMaker era o melhor programa de edição, tentei usá-lo para fazer o “QI” mais dinâmico. A loja onde comprei o computador se encarregou de instalá-lo. Nunca funcionou. Desisti. Mas isso agora é passado.

Drivers de dispositivos (impressora, scanner, microfone etc.) são sempre um potencial pesadelo, pois dependem também dos inúmeros e diversos fabricantes desses dispositivos, e do ajuste às múltiplas versões dos diversos sistemas operacionais (Windows, Linux, iOS etc.). Você não está sozinho nisso!

Interessante sua sugestão de um “fundo para leitorando do QI 200+”, mas não é um serviço que eu queira adicionar às minhas atividades. Estou ciente de que perderei uma parcela dos leitores que não vão se interessar na edição digital e nem se dar ao trabalho de encomendar a edição impressa (independente do preço).

Só ainda não sei o tamanho do rombo. Aliás, essa questão do preço para o leitor (caro ou barato) é algo a ser esclarecido. Veja minha experiência. Quando comecei, em 1993, a imprimir fanzines, achei que colocar várias edições na forma de minissérie para baratear o custo para o leitor seria uma solução ótima. E a versão encadernada para quem se dispusesse a pagar tudo de uma vez. Uma minoria inexpressiva optou pela minissérie. A grande maioria que teve interesse optou pelo encadernado. Conclusão, quem não compra não é pelo preço, é pela falta de interesse. As edições que já coloquei na loja Kalimazine tiveram procura baixíssima. Então, não guardo ilusões quanto à procura do “QI” impresso, mas achei que devia dar essa opção, para quem assim preferisse.

De qualquer forma, independente de eu pensar o novo “QI” primeiro como uma edição impressa, o fato é que eu só o deixarei disponível na versão digital.

Creio que esta definição é o ponto básico a ter em mente para a produção do **QI**, daqui para a frente – e, se um dia você quiser mudar isso, será mais fácil para analisar as consequências.

Para alguns leitores, isso (a mudança do “QI” para digital) não fará diferença, pois só o acompanhavam na versão digital. Para outros, que acompanhavam na versão impressa, também não fará diferença pois estão acostumados a ler edições digitais. O mistério é qual a porcentagem de leitores que, preferindo a edição impressa, se disporá a acompanhar a versão digital.

E, também quantos estarão dispostos a obter uma edição impressa, enviada pelo correio... Imagino que haverá instruções sobre isso no **QI** 200+1, e num provável email encaminhado aos leitores (confesso que não vi nada semelhante no **QI** 200, então fiquei meio sem saber o que fazer agora: Devo esperar uma mensagem do Edgard sobre o que fazer, ou devo tomar alguma providência?).

Creio que também seria importante criar um ‘processo regular’ para os seguidores do **QI** agora digital, pois a espera envolve meses: Quem deve fazer o quê, quando? Devemos esperar uma mensagem do Edgard avisando que o novo **QI** já está no ar (ou melhor, na Marca) ou ficar olhando lá? A mensagem vai avisar para ler/baixar, ou vai anexar uma cópia digital, ou um link direto para a Marca? Etc... etc.

Sobre esse último assunto, no terceiro parágrafo do texto ‘Nova Fase do QI’ no “QI” 200 (página 3), eu dou as dicas. Quem quiser receber o arquivo PDF via email é só avisar. Poucas pessoas fizeram isso (provavelmente poucas pessoas atentaram ao ler essa parte do texto). Escrevi também que avisarei por email toda vez que tiver novo “QI” disponível na Marca de Fantasia. Pelo menos esse link acho que será fácil colocar no email. Não sei se conseguirei colocar o link do Kalimazine. Mas pelo menos aviso quando tiver nova edição na loja. É só acessar o site e buscar dentro da loja. Mas como você já desconfiou, quando a nova edição estiver pronta, enviarei email dando maiores esclarecimentos.

Nota complementar. Pensando melhor na questão, decidi enviar logo um email a todos os leitores do “QI” reafirmando as mudanças ocorridas com o fim da edição impressa feita por mim. Cuidarei apenas da edição digital. Pedi que os leitores interessados em receber o arquivo PDF via email me avisassem. Poucos fizeram. Então, num primeiro momento, enviarei o PDF via email a todos os contatos recentes do “QI”. Avisarei também o link da edição na Marca de Fantasia.

Outro assunto. Você é assinante do jornal “O Globo”? Preciso baixar duas páginas de um jornal de 1948 e o acesso ao acervo só é permitido ao assinante.

Não assino **O Globo** (duvido que muitos paulistanos o façam...), mas tenho cadastro no site do jornal, por causa da internet. Apesar de eles bloquearem o acesso para ‘eliminadores de anúncios’, creio que posso superar isso (ou autorizar os anúncios por um instante), e talvez possa assim acessar o ‘acervo’ deles.

Me diga a data e as páginas, que tentarei acessá-las!

Obrigado pela disposição em me ajudar.

É o seguinte, o Quiof Thrul me enviou os scans de 2 páginas do jornal “O Globo” de 22/7/1948, a primeira é a página 3 e a segunda parece ser a página 4. Trouxeram uma longa matéria sobre as perseguições às revistas de quadrinhos, e traz o nome de Roberto Marinho como autor da matéria. Achei interessante publicar esses textos na forma de um encarte do “QI”. Mas há problemas.

Um é que a resolução do scan está baixa. Dá para ler o texto onde ele é legível, mas há partes do texto que estão muito apagadas. As ilustrações também estão com baixa resolução, mas o mais importante é o texto. Pensei em publicar assim mesmo, deixando de fora os trechos ilegíveis, pois acho que ainda assim são interessantes. Na segunda página, embora legível, está cortada na parte de baixo. Não sei se esta baixa resolução e as partes apagadas são das páginas que estão no acervo de “O Globo”. Pela minha pouca experiência em fuçar sites, sei que a resolução do Acervo da “Folha” é ruim e a da Biblioteca Nacional é muito boa.

Gostaria que você tentasse, caso consiga acessar este número do jornal, salvar as duas páginas e me enviar. Na Biblioteca Nacional há um truque para salvar com resolução alta. É preciso dar zoom na página até ela ficar bem grande no vídeo, aí clicar botão direito do mouse e ‘salvar’. O site salva a página toda com resolução bem alta. Fica um arquivo grande, mas depois dá para reduzir de acordo com a necessidade. Se você conseguir, agradeço muito. Envio as imagens que eu tenho para ajudar você a localizar as páginas no jornal.

Basicamente, a qualidade é a mesma, tentando de vários jeitos; em anexo as imagens ‘melhorzinhas’ obtidas. Creio que é ‘problema de origem’, i.e., a imagem é a resultante de scaneamento feito, portanto só achando um exemplar físico do jornal seria possível uma melhoria...

Pela imagem, parece que é o mesmo scan que o Quiof me enviou, pela posição das partes ilegíveis, mas, por algum motivo, as imagens que você enviou estão bem melhores. Vai dar para decifrar mais partes do texto e fazer o trabalho mais completo. E no caso da segunda página, está completa e legível. Ainda segundo o Quiof, a Biblioteca Nacional tinha “O Globo” digitalizado e certamente a fonte foi outro exemplar (o da própria biblioteca), mas não está mais disponível para consulta.

Suspeitei que talvez, sendo cadastrado no “globo.com”, pudesse acessar o site do jornal, e deu certo (depois de contornar o bloqueador de anúncios com uma extensão). Como lhe disse, tentei de vários jeitos: Baixei cópia do PDF, mas também ‘imprimir para PDF’ as imagens – e parece que a primeira opção foi a que ficou um pouco melhor, a outra era quase igual à que você mandou, então nem lhe encaminhei.

Agora, basta você submeter as imagens para um bom algoritmo de IA, e ele/a revelará todas as palavras ilegíveis e, baseado no texto do artigo, lhe dará a ‘ficha completa’ dos envolvidos... Na verdade, os melhores programas de OCR já usa(va)m algoritmos como esse faz anos, mas não eram vistos como “IA”, do mesmo modo que era a ‘busca’ do Google faz anos.

Mensagem enviada a todos os leitores do “QI” no dia 20/8/2026.

“Seguindo sugestões de alguns leitores, venho dar algumas informações sobre o “QI”. O número 201 já está bem adiantado. Como avisado no “QI” 200, só farei a partir de agora a edição digital.”

“Como nos últimos tempos, o “QI” começou a ficar muito adiantado em relação à data no expediente, vou tentar corrigir isso aos poucos. Por isso, estou atrasando este “QI” 201. Devo terminá-lo e enviá-lo no começo de outubro.”

“Enviarei o arquivo PDF deste “QI” 201 a todos os leitores regulares de quem possuo o endereço de email. O “QI” continuará disponível para leitura e download no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI. Quem não quiser receber o “QI” por email, me avise.”

Muito gentil de sua parte, mas temo que isso seja mais uma tarefa evitável: Você teria de manter (sempre atualizado!) um cadastro dos que recebem emails sobre o **QI**, anotando em cada um se ele/a quer ou não o envio de um (ou vários) arquivo(s) PDF em anexo.

Se você acha melhor o envio para alguns destinatários, talvez fosse mais fácil enviar o anexo para todos, o que provavelmente não criaria problemas para ninguém (pois o tamanho do arquivo não seria muito grande), e nem para você (a menos que tenha um controle pelo seu provedor de email sobre o volume mensal de envios).

Com o “QI” impresso eu já tinha que manter um arquivo atualizado dos nomes e endereços a quem enviar o exemplar impresso e também um arquivo atualizado dos emails para enviar os códigos de rastreamento. Agora ficou simplificado. Tenho apenas um arquivo com todos os emails de quem ultimamente acompanhava o “QI”. Neste início vou enviar o “QI” e o “Encartes do QI” para todos na lista. A cada número acrescento quem aparecer de novo e retiro quem não desejar mais receber.

Mudando de assunto, você havia sugerido que eu usasse IA para recuperar o texto apagado daquela página de “O Globo” que você conseguiu para mim. Não tenho qualquer familiaridade com IA, mas fiz algumas tentativas procurando algum site ou aplicativo que fizesse a transcrição de um arquivo PDF para um arquivo texto. Achei um que disse que fazia e fez, mas não obteve nada inteligível. Também pedi a alguns leitores que estão sempre mexendo com IA, até agora não tive resultado.

Você tem experiência com isso? Já tentou e conseguiu extrair o texto presente em alguma imagem (no caso PDF)? Eu separei os três trechos ilegíveis. Estou lhe mandando o menos ilegível deles em versão PDF e JPG. Você poderia tentar extrair o texto dessas imagens? Isso caso seja algo que já tenha feito antes. Agradeço antecipadamente.

Não entendi completamente como anda o deciframento das páginas, mas resolvi experimentar com a imagem enviada e, após várias interações com a IA, o melhor que conseguimos foi o seguinte:

“...De fato, é essa a nossa opinião, mas entre as primeiras [respostas obtidas sobre] as nossas [revistas]. Das [mães interrogadas] 18% consideraram aconselhável a leitura. Das mães, 34% declararam que “a leitura dos jornais e revistas infantis poderia c**[ontribuir]** para melhorar a m**[entalidade]** de **[seus filhos]** e de p**[romoção dos ideais educativos]** **[...]resultou em]** 11% de **[respostas imprecisas]**. Na questão da **[influência exercida]** **[...]avaliada]** pelas revistas, 26% das mães e 13% dos [**professores**]...”

O que lhe parece?

Não entendi se era só este trecho que estava em dúvida, ou se seria desejável algo semelhante em outros trechos, que ainda não tivessem sido destrinchados.

Por hoje, esgotei minha ‘quota diária’ da IA grátis que uso, mas posso tentar repetir para outros trechos, caso seja importante.

Se quiser, posso lhe enviar uma transcrição da ‘sessão’ (não-espírita) para fazer reviver esse trecho semi-apagado.

Continuando o que lhe enviei ontem, anexo a versão completa da reconstituição do artigo, após novas interações com o programa de IA.

Aguardo suas reações...

Muito obrigado pela ajuda. Ainda mais por ter transcrito todo o artigo. A parte legível eu já havia digitado e diagramado com uma boa reprodução das imagens, graças ao arquivo que você conseguiu no site de “O Globo”.

O trecho que você havia me mandado antes trouxe melhorias em relação ao que eu havia decifrado, vou acrescentar essas partes melhoradas no texto.

Quem sabe após a publicação surge alguém que tem um exemplar do jornal, ou uma reprodução legível do mesmo?

Eu sou do tempo em que o OCR não conseguia extrair letra cursiva emendada e malemá texto de jornal. Agora já consegue até com falhas. Mas tem limite. Alguns trechos ilegíveis estão praticamente apagados.

Os algoritmos de OCR e os de busca (Alta Vista, Yahoo, Google, Bing) já eram casos de uma “IA” iniciante; os usados pelas diversas redes sociais para prender a atenção das pessoas foram mais um passo. Neste caso, pela conversa com a IA utilizada (DuckAI) dá para ver como ela atua, inclusive com interação com pessoas (no caso, eu).

Estou lhe enviando os outros dois trechos, que estão ainda mais ilegíveis. Não vá perder mais tempo com eles. Realmente não dá para decifrar.

Como alguém pode saber se a “decifragem” feita é correta? Só comparando com uma imagem mais legível (cuja existência torna a decifragem daquela inicial retroativamente inútil).

Mas acho que mesmo sem esses trechos, que são uma pequena parte da matéria, vale a pena publicar o encarte com este material. Veja como estava a situação em 1948, isso nem era o auge da caça às bruxas que só aconteceu em 1954 com a publicação do livro de Wertham.

Interessante que poucos relatos sobre aquele evento (o livro do Wertham e sua repercussão) mencionam um artigo no **Reader’s Digest (Seleções, no Brasil)**, resumindo as principais ideias, com o título ‘The Comics: Very Funny?’.

Continuando com a IA, foram indicadas algumas fontes sobre o conflito:

– Para aprofundar muito mais nessa controvérsia, a obra essencial é: **A Guerra dos Gibis: A Formação do Mercado Editorial Brasileiro e a Censura aos Quadrinhos (1933-1964)** de Gonçalves Júnior (Companhia das Letras, 2004), citada em praticamente todas as análises acadêmicas posteriores sobre o tema.

– No site de **O Globo**, há a história da editora, com reproduções (de boa qualidade!!) sobre este caso específico, do ponto de vista dela:

<https://historia.globo.com/memoria-roberto-marinhos/empresas/noticias/editora-globo.ghtml>

– Há um importante artigo (cópia em anexo) de 18 páginas na revista **Teoria e Cultura**, publicação da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), v.14 nº 1 (2019), inclusive com detalhes sobre as posições de vários intelectuais: ‘A Disputa sobre os Quadrinhos: Infância, Arte e Censura na Imprensa Brasileira’, por Layssa Bauer Von Kulitz (UFRJ).

– Muitos dados relevantes sobre a editora de **O Globo** estão na Wikipedia:

https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Globo

A conclusão é que o ‘Contexto Geral’ seria “uma disputa comercial, disfarçada de debate moral” em 1948; os protagonistas da “guerra”:

– Roberto Marinho (**O Globo** e RGE) – jornalista e editor de HQs.

– Orlando Dantas (**Diário de Notícias**) – concorrente comercial direto.

Nota também que o **Diário de Notícias** conseguiu mobilizar alianças intelectuais com figuras prestigiadas da vida cultural para sua campanha:

– Rachel de Queiroz – Gilberto Freire – Ary Barroso.

Cita a ‘ironia fundamental’ da disputa: Dantas não tinha problema com HQs enquanto elas o lucravam; apenas quando a competição comercial o prejudicou, transformou um “problema editorial” em um “problema moral”.

Obrigado pelas novas informações sobre a pesquisa pela IA.

Fiquei na dúvida se isso se refere ao email de ontem, ao ‘adendo’ dele com a cópia do artigo prometido, ao email anterior, ou a todos eles. Digo isso porque também não sei como você faz com coisas que possivelmente serão publicadas no **QI**: Se faz a ‘conversa’ toda na troca de emails, ou se deixa comentários para inserir depois no **QI**, e não sei assim se devo comentar algo agora, ou esperar o **QI**.

No caso, a frase acima me deixou com dúvidas, pois no anterior fiz vários comentários curtos ligados a isso, e no ‘grande’ de ontem havia MUITO mais que “informações sobre a pesquisa pela IA” (inclusive na parte que extrapolou o artigo de **O Globo** em si, ampliando as pesquisas, inclusive o artigo que esqueci de anexar e mandei logo após, e os links que trazem mais informações).

Foram essas ampliações que motivaram meu comentário sobre o artigo do Wertham, que você gentilmente corrigiu quando disse:

Algumas curiosidades. O “QI” já publicou bastante material sobre o assunto.

O “QI” 78 (jan/fev/2006) trouxe o texto de Rachel de Queiroz, ‘A Nova Literatura’, publicado em “O Cruzeiro” de 27/7/1957. Nesse texto ela faz uma defesa bem tímida da História em Quadrinhos, pois, nessa altura, ela já havia sido cooptada pelo Aizen, que lhe quadrinizou um romance (acho que “O Quinze”). O “QI” seguinte trouxe memorável comentário de Márcio Costa sobre o assunto. Envio em anexo.

MÁRCIO COSTA

R. Almirante Cochrane, 220, c/8 – Rio de Janeiro – RJ – 20550-040

O artigo de Rachel de Queiroz, de 1957, republicado no “QI” 78, foi uma aula sobre a natureza humana! Ou muito me esgano ou a boa Rachel estava entre os intelectuais e padres que iniciaram uma cruzada furibunda contra as HQs nos anos 50, contornada com inexcusável habilidade por Adolfo Aizen. Homem, foi só o Aizen quadrinizar-lhes os romances, molhar a mão deles com uns caraminguás de direito autoral e – presto! – todos começaram a achar que, pensando bem, as HQs talvez não fossem tão ruins assim para as crianças, não é mesmo? – foi tudo um mal-entendido, elas são ótimas! Também os padres queimadores de gibis aderiram tão logo Aizen lançou a tal “Série Sagrada” e botou um cônego ou coisa que o valha perambulando dentro da Ebal. Ah, a firmeza das convicções!!!

Nota: Fiz uma procura rápida na internet e não encontrei obra de Rachel de Queiroz adaptada para quadrinhos pela Ebal, embora haja várias menções a isso em vários sites. Tudo falso ou eu não procurei direito?

Procurando melhor, achei um romance de Rachel de Queiroz, “As Três Marias”, adaptada para quadrinhos na revista “Romance em Quadrinhos”, da RGE

O “QI” 189 (set/out/2024) trouxe o encarte ‘Passando ao Lado Mas Ainda Dentro’ n° 2 com ‘Histórias em Quadrinhos Roteiro para a Delinquência’, resumo do livro de Wertham publicado em “Seleções” n° 152, de setembro de 1954.

O “QI” 195 (set/out/2025) trouxe o encarte ‘Reflexões sobre Imagem e Cultura’ n° 23 com ‘Impressionante Depoimento sobre o Perigo das Más Histórias em Quadrinhos’, matéria do “Diário de Notícias” de 12/8/1948, também com texto de Wertham.

Minha memória, feliz ou infelizmente, é muito ‘reativa’. Frequentemente, ela não me lembra diretamente sobre algo mas, ao encontrar informações ou lembranças, vou lembrando que eu já vi isso. Por isso, sou bom ouvinte de piadas. Muitas vezes, se alguém começa a contar uma, começo a lembrar que já a ouvi, mas só vou lembrando à medida que a ouço de novo, então o narrador não perde o esforço.

Nas citações acima, fui lembrando delas, algumas mais e outras menos (menos especialmente a do QI 195, que é de um período em que lia os QIs rapidamente, em lotes, por não encontrar tempo para lê-los com mais vagar – nesse período, pode notar que pouco comentei), e lembro de, ao ler o encarte do QI 189 pensei exatamente a mesma coisa que comentei agora (de novo) com você. Continua válido, pois realmente raramente são citados os artigos (do RD e da Seleções), mas deveria ter lembrado de sua ressurreição deles.

Recebi todo o material e os seus comentários.



O texto no jornal “O Globo” com um resumo da trajetória dos quadrinhos nas empresas do Marinho foi interessante, embora tendencioso (apesar do poder de “O Globo”, sua produção de quadrinhos nunca se equiparou à do Aizen). Mas trouxe aquele recorte do artigo em “O Globo” de 23/7/1948, interessante.

Como eu ‘entrei no bonde andando’ (expressão provavelmente incompreensível para muitos, hoje), creio que um dos benefícios das pesquisas foi justamente indicar outras fontes sobre o assunto (que, talvez, você já conhecesse, mas eu não estava a par).

O artigo da revista “Teoria e Cultura” parece interessante. Não li ainda. Confesso que tenho certa ressalva com artigos cheios de citações. Lembro das colchas de retalhos de minha avó.

Ué, você tem ressalvas quanto à colchas da sua avó?

Neste caso, também, parece uma fonte auxiliar sobre o assunto, que pelo menos eu não conhecia, como não sabia do envolvimento mais amplo de Rachel de Queiroz e outros (como lhe disse, o bonde já estava andando).

Normalmente coloco no ‘Fórum’ as conversas feitas por email (e eventualmente por carta) com o mínimo possível de edição. Não acrescento nada, a menos que apareça algo interessante de última hora, alguma informação extra, ou imagem para ilustrar o texto.

Já tive essa dúvida antes, e imagino que teria mais ainda se fosse o editor de uma publicação (off-line) para públicos que têm comentários e perguntas sobre os assuntos da publicação, quanto ao aspecto ‘divulgação’: Quando a ‘conversa’ envolve várias interações, esperar o final delas, ou publicar à medida que elas se desenvolvem (e correr o risco de ficar uma parte fora da publicação, pois ela tem data de fechamento).

Estou conferindo a transcrição de todo o artigo de “O Globo” que você me mandou com o que eu já tinha feito. Há passagens em que a ordem do texto é misturada (principalmente as legendas das ilustrações), mas há trechos em que a IA entendeu melhor os pequenos apagados, então estou complementando meu texto.

Talvez não tenha ficado claro em minha mensagem anterior, mas o seguinte trecho foi minha interpretação dos resumos feitos pelo bot da IA neste processo – e isso ter sido produzido é que achei também interessante:

“A conclusão é que o ‘Contexto Geral’ seria “uma disputa comercial, disfarçada de debate moral” em 1948; os protagonistas da “guerra”:

– Roberto Marinho (**O Globo** e RGE) – jornalista e editor de HQs,

– Orlando Dantas (**Diário de Notícias**) – concorrente comercial direto.”

“Nota também que o Diário de Notícias conseguiu mobilizar alianças intelectuais com figuras prestigiadas da vida cultural para sua campanha:

– Rachel de Queiroz – Gilberto Freyre – Ary Barroso.”

“Cita a ‘ironia fundamental’ da disputa: Dantas não tinha problema com HQs enquanto elas o lucravam; apenas quando a competição comercial o prejudicou, transformou um “problema editorial” em um “problema moral”.”

O que achou disso?

No texto do jornal de 1948, o Roberto Marinho contesta em mais de uma vez a ‘moralidade’ da cruzada de Orlando Dantas. Cita que as histórias em quadrinhos publicadas no jornal de Dantas eram, em parte, as mesmas publicadas nas revistas de Marinho.

Mas o ponto principal, colocado em destaque num box da página, é que Marinho considerava essa cruzada uma “vingança”, por Dantas ter sido prejudicado num evento anterior e considerar que a culpa tinha sido de Marinho. Além disso, havia ainda a questão ideológica. Em algum momento, Marinho critica o comunismo, mas aí não sei dizer se era o caso específico de Dantas.

Como as coisas mudaram... e não mudaram nada.

Mas esse texto de Marinho tem muitas coisas interessantes, não apenas relacionadas aos quadrinhos. Também transparece uma preocupação com o ensino e educação na época. Outra coisa, segundo Marinho, a campanha contra as revistas não trouxe queda nas vendas. Imagino que não por causa da campanha, mas as vendas na época estavam aumentando.

Ou, até, pela atenção: Frequentemente, criar um escarcéu (ainda se usa?) pedindo ou decretando a proibição/censura de algo, chama a atenção de gente que nem tinha interesse no assunto, mas teve a atenção despertada, e aumenta o consumo.

Isso traz à baila (ainda se fala isso??) um aspecto que sempre relembro, a “causa real” de algo: As pessoas geralmente pensam que só há uma ‘causa verdadeira’, e na prática sempre são muitas, em graus diferentes: Um político é atacado por outro “por causa” de suas posições, mas eles também são rivais comerciais, e a filha dele foi insultada pela cunhada do outro: Qual é a ‘verdadeira causa’ aí? Creio que seria uma mistura das três, em diferentes graus (e talvez uma só não seria suficiente para a ação, mas as três juntas são...).

Ah, sim, eu não tenho ressalvas em relação às colchas de minha avó, talvez porque elas não geravam artigos. Mas essa frase eu vou “editar” na hora de colocar no ‘Fórum’.

Claro, e sei que você deve ter entendido a piada – mas, infelizmente, nem sempre dá para entender (e, perversamente, às vezes é o contrário: Num confronto, dizem que a provocação ou insulto eram “brincadeira”...).

Vai no ‘Fórum’? Pensei que seria uma separata.

Encartes 90

QI



Reflexões sobre Imagem e Cultura ③ ⑧
Debates sobre a Literatura Juvenil
Pesquisa de Quiof Thru

Reflexões sobre Imagem e Cultura ③ ⑨
Western Feijoadas: Cinema, Quadrinhos e Outros Meios
Quiof Thru

Papoz Tais ① ⑤
Conversa com Alexandre Yudenitsch